



Anderson Evaristo Lúcio

Fragmentos da trajetória da forra Úrsula de Azeredo:
escravidão e ascensão socioeconômica (Minas Gerais,
século XVIII)

Monografia apresentada ao
Departamento de História da PUC-
Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
História.

Orientadora:
Dra. Crislayne Alfagali

Rio de Janeiro,
30 de junho de 2023



Anderson Evaristo Lúcio

Fragmentos da trajetória da forra Úrsula de Azeredo:
escravidão e ascensão socioeconômica (Minas Gerais,
século XVIII)

Banca examinadora

Profa. Dra. Crislayne Alfagali
Orientadora
Departamento de História –
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Profa. Dra. Karine Teixeira Damasceno
Leitora crítica
Departamento de História –
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Monografia apresentada ao Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), como requisito para a conclusão da disciplina Monografia II.

Rio de Janeiro,
30 de junho de 2023

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, por me dar forças, capacidade e fé para me ajudar a concluir essa tão sonhada monografia e por ter me guiado em toda a minha caminhada na universidade.

Agradeço aos meus pais pelo suporte afetivo e financeiro, por terem me dado condições de me dedicar à minha formação acadêmica.

Agradeço aos professores de História da PUC-Rio, por terem compartilhado os seus conhecimentos comigo e me proporcionado uma ótima experiência acadêmica.

Agradeço à minha orientadora, Crislayne, por ter se dedicado à minha pesquisa, por te acreditado em mim e por nunca duvidar da minha capacidade, mesmo quando eu mesmo duvidei. Obrigado.

Agradeço a professora Karine, por suas sugestões e contribuição que enriqueceram o conteúdo da minha monografia.

Resumo

A presente monografia tem como objetivo analisar e refletir sobre parte da trajetória da forra Úrsula de Azeredo com uma perspectiva de ascensão socioeconômica. A metodologia utilizada é a análise de fonte, especificamente a exploração e interpretação do testamento e inventário da Úrsula. Inicialmente, a pesquisa apresenta o contexto histórico, o universo escravista das Minas setecentista. O segundo capítulo mostra como foi à vida da Úrsula como escrava e liberta. Por fim, o terceiro capítulo traz uma análise da família negra na escravidão, e como essa questão impactou a vida dos negros nos tempos da escravização e posteriormente na vida em liberdade.

Palavras-chave: Úrsula de Azeredo; Minas Gerais; Alforriados; Liberdade; Ascensão social e econômica.

Sumário

Introdução	4
Capítulo 1 – Os forros e escravizados em Minas Gerais no século XVIII	10
Capítulo 2 – Úrsula de Azeredo	22
Capítulo 3 – Família negra	39
Considerações finais	49
Fontes	53
Referências Bibliográficas	53

Introdução

O objeto de estudo desta pesquisa é a trajetória da forra Úrsula de Azeredo¹, desenvolvo uma reflexão sobre como ela ascendeu econômica e socialmente na sociedade mineira do século XVIII. Mulher, crioula, solteira e ex-excravizada; apesar de todas as desvantagens, ela conseguiu a alforria e acumulou um valor considerado de bens. O trabalho procura compreender mecanismos de ascensão socioeconômica no universo escravista mineiro, especificamente na vida urbana da capitania de Minas Gerais. Os alforriados não são apenas ex-escravos que foram contemplados com a “graça senhorial”, eles são mais do que aparentam ser, de acordo com Rogéria Alves:

Enfatiza-se a ação dos alforriados como agentes históricos ativos, construtores de estratégias cotidianas. São mulheres e homens que atuaram na construção do próprio destino, driblando e contornando as supostas barreiras que a sociedade, que a cor da pele e que o passado escravo lhes impunham. Os alforriados em questão constituem-se em uma parcela privilegiada dentro do grupo social dos forros. São alforriados que deixaram o cativo e que se tornaram proprietários de bens, sendo que alguns deles acumularam quantias consideráveis de posses.²

A autora destaca a capacidade dos alforriados de construir o seu próprio destino dentro das possibilidades de suas situações. O que seriam essas possibilidades? Primeiro é importante ressaltar que a sociedade mineira setecentista proporcionou ao escravo facilidades para conseguir a liberdade. Várias formas de conseguir a alforria foram desenvolvidas durante o processo de urbanização causada pela cobiça de ouro, ou seja, este ambiente proporcionava formas de os escravos acumularem dinheiro e posteriormente comprarem a liberdade. Porém, vale lembrar que apenas 2% dos escravizados alcançaram a alforria no Brasil colonial.³

¹Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana (AHCSM), 2º Ofício. Inventário post-mortem de Úrsula Azeredo. Data: 1730. Códice 88, auto 1901.

²ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros: Formas de ascensão econômica e social entre os alforriados (Mariana, 1727-1838)*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. (Dissertação de Mestrado), p. 15.

³“Embora não existam dados em profusão, algumas estimativas apontam que entre 0,5 e 2% dos escravos que habitavam o Brasil durante o período colonial conseguiram alforriar-se. Destes, a maioria era composta de mulheres, das quais boa parte era nascida no Brasil. Elas geralmente viviam em cidades ou, se habitavam a zona rural, exerciam funções domésticas. Foi esta possibilidade de obtenção da alforria que abriu espaço para a constituição, principalmente entre a população crioula (nascidos no Brasil) e a partir do século XVIII, de um grande número de descendentes de africanos livres e libertos. Em 1799, por exemplo, esta proporção chegou a 20% de toda a população da cidade do Rio de Janeiro”.GRINBERG, Keila e PEABODY, Sue. *Escravidão e liberdade nas Américas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, capítulo 5.

As reflexões da historiadora Rogéria Alves que investigou um conjunto de alforriados, ou como chama, “um mosaico de forros”, alerta para o fato de que devemos lembrar da agência destas personagens. Os forros foram indivíduos que souberam se adaptar ao sistema escravista. Como eles conseguiram sair da escravidão? Como alguns deles se tornaram pessoas de posses? Alguns se tornaram respeitados como, por exemplo, a famosa Chica da Silva. Houve outras Chicas? A Úrsula é uma delas? Eduardo França destaca que há muitas mulheres como a Chica, porém ainda não descobertas:

Muito além de Chica da Silva, a célebre liberta que conquistou o intendente dos Diamantes, a então capitania das Minas Gerais, uma das regiões mais ricas do mundo setecentista, gerou outras personagens que escreveram as suas histórias, malgrado as condições cotidianas muitas vezes avessas às suas pretensões. A maioria delas permanece ainda hoje no anonimato, mas seus rastros podem ser recuperados nos arquivos, museus e bibliotecas (...) são biografias curtas, embora intensas e fascinantes, que trazem consigo nacos importantíssimos da história das Minas Gerais (...).⁴

Essa monografia irá tirar a forra Úrsula de Azeredo do anonimato. Quando falamos em possibilidades, estamos falando das probabilidades que estão de acordo com a situação de cada escravo e há vários elementos envolvidos nessa questão. O primeiro elemento destacado é o local, especificamente nesse estudo é a Vila do Carmo na capitania de Minas Gerais da primeira metade do século XVIII. De acordo com os métodos de análise de Davis e Thompson a cultura tem um papel decisivo e é uma força motivadora para a transformação histórica.⁵ Como esse meio cultural, a sociedade mineira escravista, influenciou a vida dos escravos? A troca de informações entre os escravos e a mobilidade social foi algo muito comum e característico dessa sociedade, essas duas características são bons exemplos de como esse meio cultural afetou o comportamento dos escravos.

O foco de ambos os autores é a história vista por de baixo, Thompson se concentrou nos operários ingleses. O nosso são os escravizados, especificamente a Úrsula. Embora sejam objetos de estudos diferentes, o importante é a forma ou abordagem de análise das classes subalternas. Não importa o contexto histórico, a abordagem cultural da história social apresentado por E. P. Thompson e Natalie Davis será uma grande contribuição para a nossa pesquisa. A interpretação de padrões e significados de

⁴ PAIVA, Eduardo França. Mulheres de diversas “qualidades” e seus testamentos na colonial, escravista e mestiça capitania das Minas Gerais. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012, p.11.

⁵ DESAN Suzanne. “*Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis*”. Trad. Jefferson Luís Camargo. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 66.

fenômenos culturais colabora com o entendimento geral do contexto histórico estudado na pesquisa, o funcionamento do meio social e de seus participantes.

Há um consenso histórico sobre a história da escravidão no Brasil: a maioria dos alforriados foram mulheres.⁶ Há várias razões para esse fato. Uma das causas será bastante recorrente nesta pesquisa, a relação íntima entre mulheres escravas e seus senhores. Para nós da atualidade, entendemos que onde não há consentimento, há violência sexual. Essa monografia pretende contribuir para a reflexão sobre como a violência sexual foi interpretada no período da escravidão, sobretudo nas Minas setecentistas. Qual a margem de escolha que essas mulheres tinham de não irem aos encontros sexuais? Mínima. A escrava poderia usar essa situação como uma estratégia para facilitar a liberdade, por exemplo, o senhor podia criar sentimentos afetivos pela escrava (não estamos falando em sentimentos românticos), e posteriormente poderia facilitar a liberdade de sua escrava no testamento.

As fontes pesquisadas são o inventário post-mortem e o testamento de Úrsula, esses documentos são encontrados no Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana - MG, encontram-se disponível na versão digital disponibilizada no Acervo Virtual do Arquivo da Casa Setecentista de Mariana, vinculado ao Laboratório Multimídia de Pesquisa Histórica da Universidade Federal de Viçosa.⁷ O inventário e o testamento são tipos de fonte que fornecem ao pesquisador informações sobre vários aspectos da vida do liberto. O fato de Úrsula possuir um inventário post-mortem é um indicador de ela ser uma pessoa possuidora de bens, afinal só poderia ter um inventário quem tinha bens. Como ela viveu? Como ela conseguiu obter a liberdade? De escravizada à liberta com posses? Todas as respostas para essas perguntas estarão ou se espera encontrar no inventário de Úrsula, porém vai depender da interpretação do pesquisador e o que ele está procurando. Não são apenas informações sobre o indivíduo, o historiador deve se atentar para as particularidades da sociedade em que viveu o sujeito analisado. Entender a mentalidade da época é um passo importante para reflexão pretendida nesse trabalho.

Júnia Furtado explora como o testamento e inventário podem ser ricas fontes para o trabalho do historiador.⁸ O inventário conhecido também como inventário *post-mortem*, pois geralmente é elaborado quando a pessoa está perto da morte ou após a morte. O que

⁶ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 32.

⁷ Disponível aqui: <https://www.casasetecentista.lampeh.ufv.br/>

⁸ FURTADO, Júnia F. A morte como testemunho da vida. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 94.

se espera encontrar nesse tipo de documento é a última vontade do morto em relação aos seus bens, ou seja, partilha de bens e essa é a premissa básica. Ao lermos, nos deparamos com informações de como a pessoa obteve os seus bens e obviamente a quantidade de bens que ela possuía. No caso de escravos podemos obter informações de como eles conseguiram a liberdade, ofício e como acumularam pecúlio. Ler um inventário de época não é uma das tarefas mais fáceis e nem sempre estará bem claro dependendo o que é procurado pelo pesquisador, o historiador trabalhará muito com sua dedução, criará hipóteses e dialogará com outros autores e possivelmente chegará a alguma resposta.

Os escravos são diversos assim como são os humanos, não há apenas um modelo de escravo como é do ponto de visto dos senhores, o escravo coisa. Há várias histórias de resistência escrava ou formas de resistência, existe o grupo dos alforriados e por fim há aqueles que adquiriram não somente a tal sonhada liberdade como também uma ascensão socioeconômica. Um número pequeno de ex-escravizados, após conquistarem a liberdade, conseguiu acumular um número de bens considerável. O tema é bem interessante, como já existe o estudo da Rogéria Cristina Alves sobre o assunto e de maneira ampla sobre os alforriados numa perspectiva de ascensão social e econômica, então a proposta deste trabalho será estudar a trajetória de uma forra, a escolhida é a Úrsula de Azeredo. A forra Úrsula é citada nos estudos da Rogéria Cristina e Débora Cristina, embora seja uma participação curta em ambas as pesquisas, a sua participação apresentou informações intrigantes. Essa pesquisa detalhará e procurará repostas do inventário e do testamento da forra Úrsula de acordo com o ponto de vista da elevação de status na sociedade mineira setecentista.

Estudar a vida de apenas uma forra é uma forma de entendermos o meio cultural e a sociedade vivida por essa pessoa. Seus inventário e testamento formam um conjunto de 279 páginas, portanto, um processo denso de informações sobre sua vida, as condições de sua morte e as relações que estabeleceu. O universo mineiro escravista, com um olhar de elevação social e econômica, é intrigante e transformá-lo em um objeto de estudo foi a primeira ideia que me ocorreu. A análise da trajetória de uma forra antes era apenas um meio para estudarmos esse universo. A princípio não queríamos a Úrsula como protagonista, mas com tempo percebemos que ela é uma personagem interessante e desencadeia alguns assuntos relevantes, por exemplo, o concubinato vivido pelas as mulheres negras na época da escravidão e como elas manipulam essa inconveniência segundo os seus interesses.

A forra Úrsula é mais uma escrava que se relacionou de forma mais íntima com seu proprietário, ela não tinha escolha, resultando em três filhos e nenhum deles viveu com a mãe. A grande questão: como ela lidou com essa situação? É percebido que para os escravos estudados por Rogéria Cristina a prioridade sempre será minimizar seus infortúnios, mudar a sua situação usando estratégias de acordo com as possibilidades e circunstância de cada um. A forma como mulheres negras eram vistas, mulheres muito sexualizadas pelos os homens, as afetava de diversas formas, então por que não usar esse problema de forma favorável? Os primeiros passos necessários: uma boa relação com o senhor mostrando fidelidade e obediência para obter favores e até mesmo a liberdade depois.

O objetivo geral dessa pesquisa é refletir e analisar fragmentos da trajetória de vida da forra Úrsula de Azeredo sobre uma perspectiva de ascensão social e econômica na capitania de Minas Gerais do século XVIII. Um quadro geral sobre a história dos forros e das forras em Minas Gerais setecentista será desenhado no capítulo um.

Quais são as estratégias utilizadas por Úrsula para a sua elevação de status na sociedade mineira setecentista? É preciso identificar qual foi a estratégia usada por Úrsula para conseguir a carta de alforria. É fato que Gaspar, seu ex-senhor, deu as condições necessárias para que Úrsula trabalhasse no comércio e, conseqüentemente, acumulasse dinheiro. Trabalharemos com a hipótese que Gaspar de Brito criou sentimentos por sua ex-escrava, ou seja, o afeto do ex-senhor de Úrsula facilitou a sua conquista pela liberdade. Podemos afirmar que, no mínimo, sobre essa relação de senhor e escrava que os envolvidos tinham uma “boa” relação. De acordo com a Sheila de Castro o grau de afetividade estabelecido entre escrava e senhor é uma estratégia efetiva, pois cria laços sentimentais e assim alforria é vista como uma recompensa pelo os bons serviços prestados.⁹

Úrsula acumulou uma boa quantia de bens, o seu monte-mor foi de 1.310 (Mil trezentos e dez oitavas de ouro). Dona de nove escravos: cinco adultas e quatro crianças, os filhos de suas escravizadas. A forra se mostrou alguém capaz de acumular dinheiro, fruto do seu trabalho no comércio. Teria ela comprado a sua liberdade? Apresentamos uma hipótese, a Úrsula pagou pela a sua carta de alforria. A sua alforria é caracterizado como gratuita e pode ser vista dessa forma, como consta em seu testamento, “liberta

⁹FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras: As pretas minas na cidade do Rio de Janeiro e de São João Del Rei*. Tese apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Concurso para professor titular em História do Brasil. Niterói: 2004, p. 112.

graciosamente e pela graça de Deus”. Realmente não há citação de pagamento ou coartação,¹⁰ porém nem sempre tudo é colocado no testamento pelo dono do documento. Discutiremos isso melhor no capítulo dois.

De fato a forra Úrsula foi uma mulher de posses, conquistou a liberdade e adquiriu bens. É a honra? A Úrsula de Azeredo foi uma mulher honrada? É uma hipótese, mas acreditamos que sim. Devido a sua situação não foi algo fácil, carregava os estigmas da cor e de sua antiga vida de escravizada. O seu envolvimento com Gaspar de Brito rendeu muitos resultados positivos, não apenas a liberdade. É deles foi a honra, discutiremos todas essas conquistas ao longo da pesquisa.

Cabe, então, explicar o papel de destaque da mulher negra na sociedade mineira setecentista, como fazemos no capítulo três. Somente através do concubinato e do pequeno comércio as mulheres negras poderiam conquista a elevação econômica e social? Úrsula despenhou os dois papéis, tinha uma relação amorosa com seu ex-senhor e todos os seus bens conseguiu com o seu envolvimento no comércio. Úrsula tentou ser algo mais do que o papel esperado pela sociedade na qual viveu? O que sobra para essas mulheres? Família? Elas têm o direito de desempenhar o papel de mãe? Todas essas perguntas responderemos ao longo dessa pesquisa.

¹⁰O escravo coartado era aquele que tinha um valor previamente acordado (documento escrito ou verbal) com o senhor em um prazo determinado. Um detalhe importante, o valor podia ser parcelado.

Capítulo 1 – Os forros e escravizados em Minas Gerais no século XVIII

Quem são os forros e escravizados em Minas Gerais no Século XVIII? Úrsula de Azeredo ocupou essas duas posições sociais ao longo de sua vida, começou como escrava e mais tarde obteve a sua liberdade e assim tornou-se uma alforriada. Em resumo, os forros ou alforriados são pessoas que deixaram de ser escravos, ou seja, eles conseguiram obter a liberdade de alguma forma. A condição de liberto de fato já é uma forma ascensão social, de “coisa” o ex-escravizado passa a ser uma pessoa livre. O número de escravos que conseguiu a alforria varia entre 0,5 a 2%,¹¹ entretanto os seus descendentes foram bastante numerosos, chegando à década de oitenta da região mineradora do setecentos a 120.000 indivíduos.¹²

A luta pela a liberdade é um elemento importante na pesquisa, pois com base nessa informação podemos entender como a pessoa escravizada viveu a sua vida. Para a obtenção da liberdade é necessário alguns fatores: dinheiro, bom relacionamento com o senhor etc. O dinheiro obviamente é algo necessário para a alforria, mas como conseguir a quantia necessária? Não adianta nada em o escravo possuir meios para comprar a alforria se o senhor não estiver disposto a libertá-lo. A conquista da liberdade não é algo tão simples, é mais complexo do que aparenta ser. Não que seja algo difícil de entender, a complexidade envolve o cotidiano dos escravizados, suas possibilidades de acordo com a situação de cada um no cativeiro.

Embora muitas situações e estratégias de escravizados sejam parecidas não há um padrão de comportamento. A Rogéria Cristina afirma que “as trajetórias dos libertos testadores e inventariados não são compatíveis com modelos”.¹³ As possibilidades de liberdade são criadas de diferentes formas, embora muitas estratégias fossem iguais, mas as circunstâncias nem sempre eram. Uma estratégia comum entre as mulheres negras era o envolvimento com um homem branco. A Úrsula de Azeredo conseguiu a sua liberdade por ser concubina de um homem branco, o português Gaspar de Brito. Em suma, Úrsula teve a oportunidade e a liberdade de trabalhar no comércio, assim conquistando e mantendo a sua liberdade. Vejamos o caso da famosa Chica da Silva, ela também se relacionou com um homem branco no qual esse relacionamento rendeu a sua liberdade.

¹¹FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit.p. 98-99.

¹²PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716 – 1789*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, p. 88.

¹³ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*.Op. Cit. p. 159.

A Chica teve muita sorte de encontrar homem rico e soube se valer dos benefícios que a nova situação lhe trazia. O contratador de diamantes João Fernandes a comprou e alguns meses depois de comprá-la a libertou¹⁴. Estratégias de certa forma iguais, circunstâncias diferentes e o resultado final igual.

Na teoria, os forros estavam em condições melhores que os escravos, afinal juridicamente eles eram livres. Não adianta nada estar livre caso o ex-cativo não tenha meios de sustento. De acordo com a Rogéria Alves o número de forros que viveram na miséria após a liberdade é grande,¹⁵ ainda há casos de alforriados que mesmo conquistando a liberdade continuaram vivendo e trabalhando para os seus ex-proprietários.¹⁶ A questão do trabalho é um elemento essencial da pesquisa, pois ele é ferramenta de autonomia e luta pela liberdade dos negros e seus descendentes. Definimos que os alforriados são pessoas libertas do cativo e essa condição é obtida de alguma forma durante as suas vidas. Há uma particularidade importante no estudo que afetou o comportamento dos escravos, a capitania de Minas Gerais. Assim como há diferenças de ser escravo ou ex-escravizado no campo e na cidade, também há diferenças por regiões. Liana Reis destaca a flexibilidade do sistema escravista mineiro, especificamente o meio urbano e como isso contribuiu para que muitos escravos desempenhassem várias tarefas que poderiam acarretar a conquista da liberdade.¹⁷

1.1 – A flexibilidade do sistema escravista mineiro

Uma característica marcante do escravismo mineiro é a sua flexibilidade. A tese de doutorado de Liana Maria Reis, “Crimes e escravos na capitania de todos os negros (Minas Gerais, 1720-1800)” em seu primeiro capítulo é focada no processo de urbanização das Minas Gerais, é analisado como aquele espaço se formou. Grande parte da sociedade de Minas foi formada pela a cobiça de ouro, o sonho dos colonos do enriquecimento rápido, isso provocou uma superpopulação na capitania de Minas. O ouro trouxe riquezas para muitos. Esse meio possibilitou mais chances de conseguir a alforria pelos escravos. Muitos eram especializados e isso era muito lucrativo, o escravo tinha

¹⁴FURTADO, Júnia F. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.105.

¹⁵ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 16.

¹⁶ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 38.

¹⁷ REIS, Liana Maria. *Crimes e escravos na capitania de todos os negros (Minas Gerais, 1720-1800)*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 69.

ainda mais liberdade para agir nesse meio como trabalhador urbano, isso era bom para seu senhor, pois ele também lucrava mais dessa maneira. Em suma, os senhores e os escravos mais inteligentes e habilidosos lucraram com as possibilidades econômicas de comercialização de produtos. Essa era a situação de Úrsula no pequeno comércio.

Muitos colonos com seus escravos viajaram para Minas Gerais com a esperança de enriquecimento. Liana Reis analisou como os escravos reagiriam ao meio urbano mineiro estabelecendo uma conexão com a criminalidade escrava. É notório no trabalho da Liana Reis como o meio cultural afetou o comportamento dos escravizados, adquiriram características peculiares como a mobilidade social e a ousadia. Ousadia no sentido de não ter medo de desafiar os senhores e o poder público ou de tentar explorar brechas no sistema escravista. É salientado pela autora que atrevimento e abusos dos escravos não se resumiam a revoltas, a manifestação desses atos abusivos estava presente no dia a dia na região mineradora. Inclusive é relatado pela autora um caso de negros falsificando ouro mostrando a capacidade de enganar os seus senhores.¹⁸

Embora o foco dessa monografia seja diferente do trabalho de Liana Reis e obviamente não será algo tão extenso e detalhado como o dela, há um elemento em comum em ambas as pesquisas, como o meio cultural das Minas Gerais setecentista afetou o escravo? O foco da Liana Reis é a criminalidade, a autora buscou a reconstituição histórica da vida cotidiana dos escravos, especificamente dos cativos urbanos nas Minas setecentistas. O processo de urbanização e a forma como a estrutura política, social e econômica são inseridos na sociedade mineira setecentista construiu uma civilização com uma relação social escravista peculiar. A falta de controle dos senhores sobre os seus escravos incomodava as autoridades.

Como a proposta do trabalho é estabelecer uma conexão entre escravidão e ascensão socioeconômica, o estudo que será referência nesse aspecto é o da Rogéria Cristina Alves, “Mosaico de Forros: Formas de ascensão econômica e social entre os alforriados (Mariana, 1727-1838)”. Essa pesquisa evidencia a capacidade do escravo de criar estratégias para lutar pela liberdade e que eles não têm um comportamento padrão. Quando se fala em comportamento padrão estamos nos referindo do ponto de vista do senhor, o que é esperado pelos os senhores, ou seja, é uma coisa, é um investimento, espera-se obediência e que cumpra de formar satisfatória a sua função. Não é só os senhores que pensavam assim, ecos dessa visão permanecem na historiografia. Fernando

¹⁸REIS, Liana Maria. *Crimes e escravos na capitania de todos os negros*. Op. Cit. p. 178-179.

Henrique Cardoso que corrobora com a visão senhorial, ao analisar a sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul indica a ideia do escravizado que sofre sempre a ação da história, nunca é o agente da história, ou seja, o escravo é uma coisa e não tem capacidade de transformação histórica,¹⁹ a violência é o principal mecanismo controlador e que incapacita a reação dos cativos contra o sistema escravista.²⁰

Essa visão do escravo coisa já é uma perspectiva superada pela historiografia, porém ainda é importante e necessário citá-la, ao menos nessa parte da pesquisa, assim podemos ver a incongruência dos colonizadores, também compreender o ponto de vista dos senhores em relação aos escravos e os seus temores. A contradição do olhar dos brancos, embora muito deles vejam o escravo como uma criatura igual aos animais²¹, é que mesmo assim eles temiam uma revolta de negros, pois há uma grande quantidade de negros e mulatos na composição populacional do país. Podemos ver que muitas vezes o negro é tratado como um ser inferior e desprovido de inteligência, mas ao mesmo tempo, as autoridades temem por revolta, ou seja, no mínimo reconhecem a capacidade de organização dos escravizados e libertos. A liberdade de locomoção cedida por seus senhores incomodava as autoridades. É fato que havia um forte preconceito racial por parte dos brancos.

Sidney Chalhoub transcreveu um inquérito de um levante de escravos²². Nessa história é notória a capacidade de planejamento dos escravos, o plano basicamente consentia em espancar o senhor até morte e depois fugiriam do local. Eles têm a percepção do que é bom e ruim, caso eles não agissem estariam em uma situação pior. O senhor, o comerciante José Maria Veludo, foi caracterizado como muito mau pelos negros participantes do plano, sair do poder desse senhor era uma coisa boa, havia escravos que já haviam apanhado e alguns foram instigados por não aceitarem ser vendidos para uma fazenda de café. A insatisfação era grande por parte dos escravos, porém nem todos pensavam assim – no relato havia escravos fiéis como o preto Tomé. Todo o plano montado foi escondido dos escravos fiéis, o crioulo Jacinto declarou que se soubesse do esquema dos pretos da casa de Veludo daria um jeito de informar o seu senhor.

¹⁹ CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 178, 181-182.

²⁰ CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. Op. Cit. p. 184.

²¹ SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil, Sudeste, século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 142.

²² CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 29-35.

Nesse relato é explícita a capacidade de avaliação dos escravos, eles são capazes de avaliar a situação e tomar decisões até extremas dependendo da circunstância de cada um. A conclusão de Sidney Chalhoub diante das declarações dos escravizados não é uma tentativa de sair de sua condição de cativos, porém na avaliação desses escravos o pior cenário possível é a escravidão nas fazendas de café, até a prisão seria um mal menor. As mulheres negras têm essa mesma capacidade e elas podem ser mais sutis, por exemplo, o caso de Úrsula de Azeredo; não foi algo premeditado, mas em algum momento Úrsula percebeu que poderia manipular o seu senhor a fim de conseguir vantagens. Provavelmente devido à mobilidade usufruída por ela, por ser comerciante, não demorou muito a perceber que já tinha um meio de sustento e, posteriormente, um meio de acumulação de dinheiro. O comércio era dominado pelas mulheres negras, é bem provável a troca de informações e experiências entre elas. Segundo Débora Gonzaga tornar-se comerciante era destino de muitas dessas mulheres por várias razões.²³ Com as redes de informações poderiam, por exemplo, burlar ou evitar as leis reguladoras do comércio ambulante.²⁴ O cenário estava a seu favor; conhecimento adquirido, boa relação com o seu senhor etc. A forra Úrsula avaliou bem a sua situação e soube conduzir bem e pacientemente a conquista de sua liberdade.

Não é por que o escravo está inserido em um sistema escravista que ele terá um comportamento padrão. Eles têm trajetórias e perspectivas diferentes. A diversidade de comportamentos e situações vividos pelos escravos quando analisada é bastante interessante, podemos ver a capacidade de articulação deles, formas de resistência e muitas vezes como manipulam o senhor. Fernando Henrique se prende na ideia de o escravo ser apenas uma ferramenta, não apenas do ponto de vista material como também numa perspectiva histórica. Rogéria Cristina Alves mostra as perspectivas diferentes dos escravos, eles têm trajetória, a historiadora pesquisou trajetórias de forros que conseguiram a ascensão econômica. Podemos ver os planejamentos, avaliações de situações dos forros e há dois fatores importantes destacados pela autora:

Acredita-se que os episódios de ascensão econômica e social protagonizados pelos libertos foram possíveis devido a alguns fatores. Primeiramente deve-se considerar a natureza dinâmica da sociedade mineira setecentista, que admitia em situações corriqueiras, a oscilação de referenciais variados, provenientes de várias culturas. E isto se explicaria pelo trânsito, pela mobilidade e pelas trocas de práticas culturais, de cultura material, dos conhecimentos e saberes,

²³ CAMILO, Débora Cristina de Gonzaga. *As donas da rua: comerciantes de ascendência africana em Vila Rica e Mariana (1720-1800)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto, 2009, p.15.

²⁴ CAMILO, D. C. de G. *As donas da rua*. Op. Cit. p 84,85.

dos mitos e religiões, e das formas de viver e de pensar dos diferentes grupos sociais que coexistiram na sociedade mineira. Em segundo lugar, deve-se considerar que a existência deste caráter de mobilidade nas Minas possibilitava aos escravos e libertos o conhecimento de códigos e práticas sociais. E através deste conhecimento tornava-se possível a formulação de estratégias e meios de se locomover em prol dos próprios interesses.²⁵

Para a estratégia ser eficiente, é necessário conhecimento, Rogéria Alves deixa evidente que a mobilidade e a dinâmica da sociedade mineira setecentista criaram as condições para o escravo obter conhecimento, uma rede de compartilhamento de experiências. A primeira hipótese dessa pesquisa é baseada em uma ideia de afetividade entre o senhor e a escrava, talvez a forra Úrsula manipulou o seu senhor. O primeiro passo necessário era uma boa relação com o senhor mostrando fidelidade e obediência. A Úrsula avaliou bem a sua situação e mais as informações obtidas provavelmente por outras mulheres negras através do comércio, criou as suas estratégias. Foram apresentados até aqui vários elementos de o porquê do universo escravista mineiro ser um mundo diferenciado e intrigante. De acordo com Eduardo França Paiva o que tornava essa sociedade diferenciada era uma “classe intermediária”, os alforriados:

O Setecentos mineiro é realmente um marco especial para todo o império português. A riqueza era acentuadamente concentrada em poucas mãos, a miséria fazia parte da vista cotidiana dos núcleos urbanos e de áreas rurais, mas conformara-se uma classe intermediária urbana que tornava aquela sociedade diferenciada. A importância desse grupo provinha diretamente da dimensão quantitativa atingida por ele, assim como do seu poder de influência. Além disso, seus integrantes produziam riqueza, pagavam impostos e eram consumidores pertinazes (...)²⁶

De fato, Minas é um marco para Portugal, assim também para a história do Brasil, afinal é a primeira vez que são encontradas pedras preciosas na colônia portuguesa e a forma com essa sociedade foi construída deixou marcas na história brasileira. São e foram contadas histórias de homens e mulheres construtores do próprio destino. Apesar do estigma da cor e todas as desvantagens gerada por ele, ainda assim os cativos e ex-cativos conseguiram um lugar naquela sociedade e conseqüentemente também um lugar na história brasileira. É verdade que esse reconhecimento demorou, porém veio graças a trabalhos de historiadores como Eduardo França Paiva, Liana Maria Reis, Rogéria Cristina Alves, Júnia Ferreira Furtado, Débora Cristina de Gonzaga Camilo etc.

²⁵ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 60.

²⁶ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 26.

1.2 – Mulheres forras nas Minas setecentistas

Ao longo da história da humanidade homens e mulheres tiveram papéis diferentes na sociedade, mesmo levando em consideração as diferenças culturais das várias nações e povos. A escravidão não é diferente, tanto para os escravizados, quanto para os alforriados. As mulheres tiveram mais chances de obter a liberdade, embora representassem uma porcentagem menor que os homens entre os escravizados. Rogéria Cristina Alves ressalta que quando se tratava de acesso à alforria a mulher era privilegiada.²⁷ De acordo com o seu estudo a proporção de gênero entre os testadores e inventariados forros no Termo de Mariana (1727-1838) é de 72,70% (121 mulheres) para mulheres e 27,30% (46 homens) para homens num total de 167 alforriados.²⁸ Júnia Furtado mostra o exame do censo de 1738 efetuado na comarca de Serra do Frio, a diferença entre homens e mulheres é também desproporcional. Em um total de 9681 habitantes, sendo 83,5% homens e 16,5% mulheres, a porcentagem de mulheres entre os escravos era de apenas 3,1%. Entre os 387 alforriados registrados nesse documento o sexo feminino representava 63%, os homens constituem apenas 37%.²⁹

Portanto, a maioria dos alforriados foi mulheres, quais são as razões para este fato? Rogéria Alves apresenta algumas razões para esse consenso histórico. Destacaremos algumas delas. De acordo com a autora, a relação familiar entre os cativos favorecia as mulheres, pois era preferível para os escravos libertarem as suas companheiras e assim os filhos do casal nasceriam livres, afinal caso os filhos nascessem de uma escrava automaticamente a criança seria uma escrava – de acordo com o princípio da “sorte do ventre”, *partus sequitur ventrem*. Isto é, o filho de escrava nasce escravo. Destacamos outros dois argumentos utilizados pela autora, a amizade entre a escrava e sua senhora e uma relação afetiva com o senhor. Seja qual for o gênero, a escravizada terá que criar um laço afetivo com o seu proprietário para a eficácia dessa estratégia.

²⁷ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 32.

²⁸ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 35.

²⁹ FURTADO, Júnia F. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 69.

Eduardo Paiva transcreveu o testamento de uma mulher chamada Roza de São Payo, solteira e sem filhos. Criou em sua casa e como muito amor o Raymundo Ribeiro de São Payo, filho de sua escrava Jozefa. Raymundo foi libertado por sua senhora, mesmo após a sua liberdade e casado continuou obediente, humilde e afetuoso de acordo com a sua senhora. Roza passou por um momento difícil, pois estava em enferma. Aparentemente ela foi bem cuidada quando estava doente por seu ex-escravizado. Podemos ver que essa relação foi por criada por um laço afetivo, o forro Raymundo ao que tudo indica sempre se mostrou grato pela liberdade concedida por sua senhora. O resultado dessa boa relação foi positivo para o Raymundo Ribeiro, pois conseguiu a liberdade, aprendeu um ofício e mais tarde se habilitou como herdeiro universal e testamenteiro da Roza de São Payo.³⁰

Essa história é importante, pois ela mostra o investimento do escravo ao construir uma boa relação com o seu senhor. O afeto poderia ser forjado pelo escravo e depois de vários anos os frutos podem ser colhidos, embora nem sempre termine bem para todos. No caso das mulheres negras tem um elemento a mais a ser considerado quando elas são propriedades de homens brancos, elas têm um envolvimento íntimo com os seus senhores. O concubinato concedia vantagens para as mulheres negras já para os homens brancos foi uma solução para uma necessidade, pois havia poucas mulheres brancas na colônia. Além da liberdade, essa união podia acarretar para essas ex-cativas uma diminuição do estigma da cor.

A Roza também se beneficiou do afeto sincero ou teatral de Raymundo, afinal ele cuidou dela quando estava doente e perto da morte. Atentamos para um detalhe, ele não tinha “tirado tudo” de sua ex-proprietária em vida. A liberdade e o ofício aprendido provavelmente foram conquistados quando Roza desfrutava de boa saúde, devido à forma como foi tratada durante os seus dias de cama ela teria dado mais benefícios para Raymundo como agradecimento, assim o forro tornou-se testamenteiro e herdeiro universal de sua ex-senhora. Teria Úrsula usado a mesma estratégia em sua situação? É uma hipótese a se considerar: a forra Úrsula teria fingido afeto e respeito para com Gaspar de Brito, mesmo após a morte de seu ex-senhor continuou com a artimanha pela sobrevivência e a construção de uma imagem de mulher honrada. Existe a possibilidade que ela teria conseguido contatos com homens da elite por causa de seu relacionamento com o português. Discutiremos esses argumentos melhor no capítulo dois.

³⁰ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 78.

Retornamos ao exemplo da Chica da Silva, como dito antes houve um elemento crucial para a sua liberdade a sorte, porém ela soube aproveitar a situação e obteve vantagens dessa união. João Fernandes de Oliveira comprou a escrava parda Chica, por 800 mil réis, de Manuel Pires Sardinha. Júnia Furtado indaga e logo em seguida responde à própria pergunta, “Teria João Fernandes comprado Chica com a intenção de tomá-la como companheira? É provável”. É destacado pela autora o fato que é em alguns meses já existia uma relação entre eles e não demorou muito para João Fernandes comprar a alforria de Chica.³¹ A autora ressalta que não era uma prática comum na região mineradora, libertar um cativo após comprá-lo. O normal era libertar as concubinas e os escravos de confiança através do processo de coação. Essa era a situação de Úrsula, a mulher biografada neste trabalho.

Esse fato prova o interesse do jovem desembargador João Fernandes por Chica da Silva, e a suposta afetividade que a forra Úrsula de Azeredo forjou? Não trataremos o sentimento de Gaspar de Brito com algo romântico, entretanto acreditamos que havia um grau de afeto. Esse pequeno sentimento foi o suficiente para Úrsula manipular a situação ao seu favor. As mulheres eram mais propensas a influenciar os senhores para conseguirem vantagens? Sim, pois elas tinham mais chances de conseguir isso e os proprietários tendiam ser mais tolerantes com elas. No caso de proprietários homens isso era óbvio por motivos já apresentados nessa pesquisa.

1.3 – O lugar histórico das mulheres negras

A base da riqueza dos habitantes da região mineira, não era somente o ouro, foi a diversificação das atividades econômicas. Minas era uma capitania com locais bastante urbanizados, uma mistura e circulação de pessoas e culturas. Embora houvesse outras formas de acúmulo de pecúlio, o ouro foi o principal responsável pelo surgimento de uma sociedade dinâmica e intensa, essa era a razão fundamental para haver tantas formas de acúmulo de riquezas. Os forros, chamados de “cor”, raramente tinham acesso a cargos nobiliárquicos por causa do preconceito racial, do “defeito mecânico” e de seu passado na condição escrava. Houve casos de pessoas de cor que ocuparam cargos públicos. Liana Reis cita um caso de um mulato que ocupou o cargo de juiz ordinário e apesar dos protestos dos homens brancos puros, ele foi mantido no cargo com apoio de uma

³¹ FURTADO, Júnia F. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes*. Op. Cit. p. 103-104.

autoridade.³² Percebemos com esse pequeno relato a importância para as pessoas de cor possuir contatos, amizades e uma rede de apoio com pessoas brancas com autoridade. Falaremos mais disso no capítulo dois.

E a relação das mulheres negras com o mundo do trabalho? Além da cor ainda tem o problema de pertence ao gênero feminino. Entretanto, elas encontram um lugar social relevante, o pequeno comércio. Elas ficavam com o comércio e trabalhos domésticos. A mineração era um trabalho majoritariamente masculino.³³ Os empregos públicos as mulheres não ocupavam, em resumo elas eram mais limitadas que os homens negros. Por vários motivos ser comerciante foi o destino dessas mulheres e ao longo do tempo tornou-se algo vantajoso. Débora Gonzaga disserta sobre essa questão em sua obra, “As donas da rua: comerciantes de ascendência africana em Vila Rica e Mariana (1720 - 1800).” A autora busca analisar aspectos da participação negra ao mercado de alimentos através de testamentos, inventários, bandos e editais. Também é questionada pela historiadora a relação das mulheres de cor com o comércio ambulante e a sua significação para o mercado.³⁴

O pequeno comércio talvez fosse a melhor opção viável para as mulheres negras. Quais outras opções haveria para as mulheres de cor para ganhar dinheiro? O comércio demonstrou ser um lugar de poder, ainda como escrava, elas conquistavam certa liberdade, autonomia e dinheiro. Após a conquista da liberdade todos esses elementos eram fulcrais para a manutenção da liberdade e ainda elas buscavam formas de se distanciar do passado escravista. O valor de investimento para entrar nessa atividade era baixo, como sabemos é uma atividade lucrativa para as escravas e para os senhores, sobretudo no ambiente urbano das Minas. Os homens ficavam com o comércio de bens prestigiosos como tecidos, perfumes, cobres etc.³⁵ Eduardo Paiva transcreveu o testamento do comerciante português Antonio dos Reis Lisboa, impressiona a quantidade de tecido em seu estabelecimento.³⁶ Era comum encontrar na Minas setecentistas:

(...) Todas as vilas setecentistas nas Minas tinham suas lojas, maiores ou menores, e sumariavam a dinâmica econômica que marcava a vida da Capitania e a vinculava a extensas e distantes rotas comerciais. Os arraiais também contribuíam para a manutenção e, até mesmo, para o alargamento

³² REIS, Liana Maria. *Crimes e escravos na capitania de todos os negros*. Op. Cit. p. 54.

³³ Ainda assim podemos acompanhar histórias de mulheres que trabalhavam na mineração como mostra: FURTADO, Júnia Ferreira. “Mulheres escravas e forras na mineração no Brasil, século XVIII”. *Revista Latinoamericana de Trabajo y Trabajadores*, 2020. Disponível em: <https://revista.redlatt.org/index.php/revlatt/article/view/1>. Acesso em: 21 de junho de 2023.

³⁴ CAMILO, D. C. de G. *As donas da rua*. Op. Cit. p. 13.

³⁵ CAMILO, D. C. de G. *As donas da rua*. Op. Cit. p. 36.

³⁶ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 228-230.

desse quadro social e neles encontravam-se instalados outros comerciantes do mesmo tipo que Antonio (...)³⁷

Restava para as mulheres negras o comércio de alimentos. Mesmo antes da escravidão, o pequeno comércio desde a idade média estava concentrado nas mãos femininas na sociedade portuguesa. Era um trabalho visto como coisa de mulher e com bastante desdém.³⁸ Mulheres brancas pobres e homens se recusavam trabalhar no pequeno comércio, os estigmas dessa atividade econômica eram fortes.³⁹ Inicialmente em Portugal as mulheres brancas foram as que trabalhavam com as vendas de alimentos, porém deixaram de desempenhar o trabalho quando as negras assumiram o comércio ambulante na colônia, afinal era trabalho de negra.⁴⁰ Apesar do preconceito racial as mulheres de cor exerceram um trabalho essencial, o abastecimento urbano.⁴¹ De acordo com Débora Gonzaga a tradição africana também foi uma forma de influência para essas mulheres para a participação do mercado de alimentos.

A divisão sexual do trabalho nas sociedades do oeste africano legava às mulheres lugares específicos no cuidado do lar e da prole. Nesse sentido, a atividade comercial desempenhada por elas era uma forma de complementar o sustento da casa e dos filhos - principalmente das filhas, uma vez que naquelas sociedades poligâmicas os homens detinham as riquezas (...)⁴²

As negras Mina vieram do oeste africano, África Ocidental. As africanas Mina tinham aptidão comercial? De acordo com Sheila de Castro Faria há diversos estudos sobre a África que apontam que certos ramos econômicos eram dominados por mulheres.⁴³ O certo é que elas já tinham o conhecimento em atividades comerciais oriundo do continente africano. Podemos afirmar que elas adaptaram e reelaboraram a experiência africana no continente americano. De acordo com a historiadora Débora Gonzaga, “a venda dos cultivos a elas designados era uma forma de alcançar certa independência da figura masculina.”⁴⁴ Não muito diferente América portuguesa, embora o intuito dos senhores seja o ganho monetário como já dissemos antes, o pequeno comércio se mostrou um lugar de poder, um espaço de conquista, pois mesmo na posição

³⁷ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 231.

³⁸ CAMILO, D. C. de G. *As donas da rua*. Op. Cit. p. 33.

³⁹ FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit.p. 214-215.

⁴⁰ FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit.p. 147.

⁴¹ FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit.p. 220.

⁴² CAMILO, D. C. de G. *As donas da rua*. Op. Cit. p. 37.

⁴³ FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit.p. 214.

⁴⁴ CAMILO, D. C. de G. *As donas da rua*. Op. Cit. p.38.

de escrava elas atingiram certo grau de autonomia e liberdade. Logicamente, isso não foi algo que passou despercebido pelas autoridades, houve por parte do poder público tentativas de regulamentação e repressão da pequena atividade comercial, porém em geral se mostraram ineficazes.

Capítulo 2 – Úrsula de Azeredo

Quem foi a forra Úrsula de Azeredo e como ela viveu a sua vida na capitania de Minas Gerais setecentista? Uma mulher, crioula e escrava do português Gaspar de Brito e sua esposa, dona Anna Amaral. Nascida na freguesia de São Gonçalo, Recôncavo da cidade do Rio de Janeiro, em algum momento de sua vida se tornou escrava do sargento-mor Gaspar. Além de escrava também foi concubina de seu senhor, relação da qual resultou três filhos: Brigida, Sebastiana e Antonio. Todas as crianças viveram longe da mãe, eles foram morar na comarca do Rio das Mortes com o capitão-mor Antonio Caetano Pinto Coelho, genro de Gaspar de Brito.

Úrsula foi uma escrava que conseguiu conquistar a liberdade. O escravizado ao se tornar um alforriado, alcança uma forma de ascensão social, juridicamente ele é uma pessoa livre, pois foi libertado do cativo. Como um escravizado é libertado da escravidão? É uma concessão senhorial? Eduardo França Paiva transcreveu o testamento do capitão-mor João Jorge Rangel, escrito em 1742. Em resumo, ele libertou os seus escravos ao que tudo indica por bons serviços, porém não é algo tão simples assim de acordo com Eduardo Paiva. Aos olhos do senhor pode aparentar que seus cativos realizaram bons serviços e foram obedientes, e talvez realmente eles foram mesmo. Se para o dono o trabalho foi satisfatório e o escravizado foi leal, então a liberdade seria uma recompensa natural pelo bom trabalho prestado. Para Eduardo Paiva a conquista da liberdade é um processo cheio de investimentos individuais e coletivos.⁴⁵

É uma forma superficial de ver a obtenção da liberdade apenas como uma doação senhorial por uma prestação de trabalho satisfatório no julgamento do senhor. Os esforços dos escravizados para a conquista da alforria são investimentos como muito bem colocado por Eduardo França Paiva. Quais são os investimentos feitos pela forra Úrsula de Azeredo para convencer o seu senhor, Gaspar de Brito a alforriá-la? Com esse questionamento deixamos entendível que o convencimento é um elemento importante nesse processo, mesmo que o escravizado tenha dinheiro para comprar a sua liberdade não conseguirá obtê-la por um simples fato, a vontade de seu senhor, pois ele não é obrigado a vender a carta de alforria.

Há casos de senhores que recusaram o pagamento de seus escravos para libertá-los. Em 1774, o mulato José ofereceu uma quantia considerável ao seu senhor Pedro da

⁴⁵ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 167-168.

Cunha por sua liberdade, cento e quarenta mil réis, mas foi recusado pelo seu senhor. Com a recusa, o escravo apelou ao governador do Maranhão, Pedro foi obrigado explicar as razões da recusa, em resumo José ocupava um cargo importante e perdê-lo seria um grande prejuízo. Usando as leis Ordenações Filipinas ao seu favor, citou um mecanismo da lei: não se pode forçar um indivíduo a vender seus bens contra a sua vontade.⁴⁶ Enfim, para entendermos como a Úrsula viveu é necessário o entendimento de suas estratégias para a aquisição e manutenção de sua liberdade, e também posteriormente a sua ascensão socioeconômica.

2.1 – A escrava Úrsula e a sua luta pela liberdade

Como sabemos Úrsula foi comerciante e seu senhor lucrava com o seu trabalho. Conforme já dito antes por outros historiadores que já estudaram ou citaram a forra Úrsula, por exemplo, o trabalho da Débora Cristina de Gonzaga ressalta as condições dadas pelo português Gaspar de Brito à sua escravizada. Em suma, as condições foram favoráveis para Úrsula conseguir um futuro melhor, o trabalho da Débora Gonzaga deixa evidente esse favorecimento. Por qual razão o português faria isso? Como a autora disse, “não sabemos aqui se por afeto a Úrsula ou não”.⁴⁷ É uma hipótese, mas acreditamos que é por afeto. Consideramos que a libertação é um processo e o investimento por parte do escravizado poder durar anos, essa foi situação de Úrsula.

O raciocínio da Débora Gonzaga não está errado, afinal o Gaspar de Brito como qualquer pessoa de posse pensava no lucro, em teoria ele não tinha razões para dar a liberdade para sua escrava. Como a Úrsula criou situações favoráveis para a conquista de sua liberdade? É difícil determinar quando e como começou, o que podemos fazer é deduzir algumas linhas interpretativas e trabalhá-las. A pesquisa está trabalhando com uma ideia de criação de afetividade entre o senhor e uma escravizada, reforçando mais uma vez não estamos falando de um sentimento romântico, no entanto falamos de uma escrava que soube cativar o seu senhor e criou um laço afetivo com ele. Além da lealdade e os bons serviços talvez seja preciso mostrar uma imagem aos olhos do seu dono de uma figura simpática e amorosa. Para um escravizado mostrar todas essas qualidades é necessário ser uma pessoa próxima do seu senhor. Por exemplo,

⁴⁶Faria, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit. p. 85.

⁴⁷ CAMILO, D. C. de G. *As donas da rua*. Op. Cit. p. 73.

(...) o português Jozé Lourenço, morador do arraial do Pompéu, viúvo e sem filhos, declarava, em seu testamento, ter dez escravos e deixava alforriados três deles: Ventura, nação Mina, barbeiro, “pelos bons serviços que me tem feito e o amor com que sempre me tratou nas minhas enfermidades”, Anna, crioula, filha de Roza Mina, com idêntica justificativa, assim complementada: “e principalmente ser cria de minha cada” e Manoel, cabra, também filho de Roza Mina, alegando os mesmos motivos expostos para sua irmã (...) ⁴⁸

Esse documento transcrito por Eduardo Paiva nos mostra o quão importante era aproximação do escravo com o seu dono, uma estratégia eficaz. O africano Ventura não se destacou apenas pelos bons serviços, mas também pela forma como tratou o seu senhor na enfermidade, com amor de acordo com o português. Talvez Ventura fosse coartado somente pelo seu bom trabalho, porém por ser próximo do seu senhor mostrou outras qualidades como ser uma pessoa amorosa e com consequência conquistou uma alforria gratuita. A crioula Anna e seu irmão Manoel Cabra conseguiram ganhar a liberdade por serem próximos, pois ambos trabalhavam na casa de seu senhor. Interessante é que Roza Mina e seu filho de peito Severino inicialmente foram coartados, porém depois de três meses ainda continuava vivo Jozé Lourenço, então, através de um codicilo mudou a situação de Roza e seu filho alforriando-os gratuitamente. É ressaltado pelo autor que a mudança aconteceu provavelmente por causa dos cuidados que o português recebeu no final de sua vida pela africana. ⁴⁹

Os escravizados mais próximos tinham mais chances de conseguir a liberdade. A história do português Jozé Lourenço e seus cativos não é um caso isolado, na verdade esse tipo de situação era normal, o estudo do historiador Eduardo Paiva solidifica isso. A quantidade de cativos é um indicativo importante. O senhor quando tinha mais cativos, menos ele alforriava e coartava, nas duas regiões estudadas por Eduardo Paiva é comprovado que o maior índice de libertação e coartação eram de senhores de apenas um escravizado. ⁵⁰ O autor afirma, “quanto menor a posse individual de escravos por senhor (e a média nas Minas era entre quatro e seis cativos por dono), maior as chances de desenvolver uma relação próxima e de mútua dependência.” ⁵¹

Gaspar de Brito fazia parte da elite da vila do Carmo, ou seja, era um homem rico, provavelmente tinha vários escravos e com certeza não tratou todos da mesma forma como foi com a Úrsula. A crioula Úrsula era uma escravizada próxima do seu senhor, essa é a primeira dedução que fazemos. Devido à essa proximidade ela teve mais chances

⁴⁸ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 181-182.

⁴⁹ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 182.

⁵⁰ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 173-174.

⁵¹ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 92.

de analisar o português e também de convencê-lo de sua liberdade. Primeiro vamos analisar o tipo de alforria da forra Úrsula. Ela declara em seu testamento “liberta graciosamente e pela graça de Deus”⁵², essa frase pode muito bem configurar como uma alforria gratuita.

É uma hipótese, mas acreditamos que a Úrsula comprou a sua liberdade. Não há menção de pagamento pela sua liberdade em seu inventário, porém nem sempre o dono do inventário colocava tudo no testamento. Seria totalmente normal Úrsula ter um acordo verbal com Gaspar de Brito e ter sua alforria paga pelo seu trabalho no comércio. O pequeno comércio era um trabalho rentável para as mulheres negras, então em teoria seria questão de tempo conseguir o valor necessário para a comprar da alforria, porém como dito antes não basta o escravizado possuir a quantia necessária para comprar a sua liberdade, pois a vontade de seu senhor prevalece. Como a vontade do senhor é essencial para deixarem o cativo, então a questão é como o escravizado podia convencer o seu dono em libertá-lo? Negociação entre escravos e senhores era demorada (podendo ser anos) e feita no cotidiano.

Segundo Sheila de Castro uma forma de o senhor garantir um bom serviço de seu escravo é a alforria condicional.⁵³ Era necessário um incentivo para extrair o melhor dos cativos, e nada melhor do que a promessa de futura liberdade. Se Úrsula recebeu uma alforria gratuita, então presumimos que uma das razões seja pelos bons serviços. A alforria incondicional pode ser feita em qualquer momento, podia ser rápida como foi o caso da Chica da Silva, porém o preço foi viver como companheira do desembargador João Fernandes de Oliveira. Como já foi citado anteriormente na pesquisa não era comum alforriar escravos recentemente comprados, o normal era conceder à liberdade para as concubinas e os escravos de confiança através de pagamento⁵⁴, situação a qual acreditamos que foi a de Úrsula.

A Úrsula se encaixa nos três tipos de alforria: gratuita, onerosa e condicional. Para identificarmos o tipo de carta da Úrsula é necessário fazermos a seguinte pergunta, por qual razão ela se empenharia tanto no trabalho não tendo a certeza da recompensa, isto é, a liberdade? A alforria comprada é que dá certeza do livramento do cativo no futuro, pois em alguns casos havia um tempo estipulado e, dependendo da habilidade do escravizado em acumular pecúlio poderia ser mais rápido. Independente se é gratuita ou

⁵² AHCSM. 2º Ofício. Inventário post-mortem de Úrsula Azeredo. Data: 1730. Códice 88, auto 1901.

⁵³ FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit. p. 124.

⁵⁴ FURTADO, Júnia F. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes*. Op. Cit. p. 105.

não, o investimento é alto. De acordo com Eduardo Paiva mesmo sem pagar e sem uma condição imposta para obter a liberdade, é fundamental considerar todo o trabalho e sacrifício feito pelo escravizado.⁵⁵ A Sheila Faria considera uma carta de liberdade sem condições:

A alforria incondicional é a mais referida na historiografia como representante do sucesso do empenho do escravo em bajular seus senhores, de modo a garantir a liberdade. Seria ela o resultado da submissão, por anos a fio. Realmente, as palavras contidas nas cartas de alforrias incondicionais revelam relação próxima entre senhores e escravos. O perfil do alforriado incondicionalmente seria feminino, nascido no Brasil e ligado ao serviço doméstico. Sugere-se, também, que poderia ser parente do senhor ou com ele ou seu familiar ter relações sexuais ou amorosas.⁵⁶

A Úrsula se enquadra bem nesse perfil, exceto pelo trabalho doméstico. A bajulação é mais uma estratégia de todo um processo. A crioula Úrsula passou por várias etapas e seu investimento foi grande, mas recompensador. Acreditamos que ela tinha a certeza de sua liberdade e algum momento conseguiria concretizar esse objetivo. Algumas de suas estratégias foram: a sua aproximação e seu envolvimento íntimo com Gaspar de Brito, seu trabalho no pequeno comércio, as bajulações etc. Tudo isso fez parte da jornada de uma mulher determinada em alcançar a tal sonhada liberdade.

2.1.1 – A relação íntima entre escravizada e senhor com uma ferramenta de liberdade

Então, perguntamos mais uma vez, qual a margem de escolha que as escravizadas tinham de não irem aos encontros sexuais? Mínima. De fato, é um grande infortúnio para essas mulheres. Algumas souberam lidar com a situação, no sentido de exigir algo em troca, estabelecendo algum grau de afetividade e assim conseguindo vantagens e, quem sabe, até mesmo a liberdade. Em outras palavras, algumas mulheres escravizadas puderam transformar essa grande adversidade em liberdade. Mulheres como Úrsula mudaram seu destino porque entenderam as suas circunstâncias e souberam agir de acordo com a situação.

Antes de qualquer coisa vamos definir a palavra patriarcado ou como ele será usado na pesquisa, visto que o termo será importante, principalmente neste capítulo. Na interpretação marxista e feminista a definição de patriarcado, em resumo é um sistema de opressão e dominação dos homens sobre as mulheres, ou seja, a luta de classe, o opressor

⁵⁵ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 173.

⁵⁶ FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit. p. 116-117.

e o oprimido.⁵⁷ Essa interpretação é voltada mais para a consequência feminina inserida nesse sistema, afinal, padrões de comportamentos e de valores femininos foram criados na ótica dos homens, sobretudo brancos e ricos. As mulheres negras são as que mais sofreram, pois havia uma hierarquia baseada na raça, gênero e na condição social, então, elas sofreram duplamente pela a cor e o sexo.

Os homens negros estão socialmente acima das mulheres negras, isso é evidente nas famílias escravas, há um caso transcrito por Eduardo Paiva que deixa explícito o lugar da escrava na hierarquia e elas são objetificadas mais do que os escravos homens, pois nelas há um “valor sexual”: um casamento entre uma jovem, a crioula Joanna de dezesseis anos e um homem bem mais velho, o africano Gracio de cinquenta anos. De acordo com o autor talvez fosse uma espécie de prêmio pelos bons serviços prestados pelo escravo.⁵⁸ Não foram somente os homens brancos que exerceram controle sobre os corpos das escravizadas, quando os homens escravizados tinham a chance e como permissão dos senhores, inclusive muitos deles incentivavam a formação de famílias escravas, eles também exerciam o controle sobre os corpos das mulheres escravas. Vejamos o caso da escravizada Caetana:

(...) Um lar quase modelar de ordem patriarcal e escravista se tornou problemático quando Caetana disse “não”. Por causa dela, toda a hierarquia masculina— dono, tio, marido e Igreja – foi perturbada (...) Para Caetana liberdade não era escapar da servidão, mas simplesmente levar uma vida de solteira. Sua luta não se dirigia contra a escravidão em nenhum sentido comum, mas era a resistência de uma mulher jovem contra a autoridade masculina (...)⁵⁹

O caso da escravizada Caetana é peculiar e está bem claro a sua posição hierárquica, ela estava abaixo de seu tio e seu marido. Apesar de seu medo de ir contra as vontades de seu senhor, capitão Luis Mariano de Tolosa, sua determinação mudou o seu destino. Tolosa queria casá-la com outro escravo seu, mas o desgosto dela era tão grande com matrimônio e com um homem que não gostava que criou nela uma coragem suficiente para dizer não. O leitor possivelmente poderia pensar, não foi uma relação entre um senhor e uma escrava, e sim uma relação era entre escravos e, por isso, talvez fosse mais fácil recusar. Não deixa de ser verdade, mas a Caetana era uma escrava e não podia contrariar os desejos de Tolosa. Como já dissemos antes, as escravizadas não tinham

⁵⁷ REIS, Adriana Dantas. *Gênero: uma categoria útil para a história da escravidão no Brasil*. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, Aracaju, V.6, N.2, p. 15.

⁵⁸ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 149.

⁵⁹ GRAHAM, Sandra L. *Caetana diz não: história de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.26-27.

controle sobre os seus corpos. Caetana fez o que era possível em sua situação, segundo a Luciana Brito mesmo diante de tanta fragilidade ainda havia alguma forma de resistência:

(...) podemos afirmar que a própria vulnerabilidade da condição de vida das mulheres negras potencializou a violência sexual. A ausência de leis que condenassem o estupro deixou-as à sua própria sorte e da sua comunidade para que criassem estratégias de proteção de mulheres e meninas, até quando fosse possível.⁶⁰

De acordo com a legislação sobre estupro vigente no Brasil colônia: as ordenações Filipinas determinavam que não era crime a violação dos corpos das mulheres escravizadas e prostitutas. As demais mulheres em teoria estavam protegidas, pois era passivo de punição caso o homem estupra-se ou raptasse uma mulher.⁶¹ A justiça era falha, Liana Reis explica que a justiça era lenta e corrupta, pois os homens de cargos elevados poderiam agir de acordo com os seus interesses ou dos interesses de outras pessoas poderosas.⁶² Também outro elemento importante era a honra da família. A sexualidade da mulher era considerada um bem fundamental tanto para a mulher quanto para a sua família.⁶³ Em outras palavras, o abuso sexual sofrido por uma mulher, sobretudo, de uma boa classe social, era uma humilhação e ofensa não apenas para a mulher como também para a sua família.

A escravidão por si só é uma violência e também é vista como um tema sensível, porém sempre se fala dela e suas consequências na sociedade brasileira. Realmente nem sempre é abordada de maneira correta ou da melhor maneira, porém não muda o fato que ela é sempre falada. Agora entraremos em um tema muito mais sensível que é fruto da escravidão e que poucos falam. A escravização apresenta vários aspectos, um desses aspectos nós já abordamos ao longo do trabalho, mas de maneira suave, a relação íntima entre uma escravizada e seu senhor. Para nós, pessoas da modernidade não restam dúvidas, essas relações são violências sexuais. Para não cometermos um anacronismo, precisamos considerar que violar corpos negros era uma atitude naturalizada na mente senhorial. A mentalidade da época é um elemento importante para entendermos o

⁶⁰BRITO, Luciana da C. “Mulheres negras e escravidão: reflexões sobre agência, violências sexuais e narrativas de passividade” In: MACHADO, Maria Helena P. T.; BRITO, Luciana da C.; VIANA, Iamara da S.; GOMES, Flávio dos S. (Orgs.). *Ventres livres? Gênero, maternidade e legislação*. São Paulo: Editora Unesp, 2021, p. 154-155.

⁶¹Almeida, Cândido Mendes de (ed.). *Código Philippino ou Ordenações e Leis do Reino de Portugal recopiladas por mandado d'ElRey D.Philippe I.* (fac-simile da 14ª ed. Rio de Janeiro: Typographia do Instituto Philomathico, 1870). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985, vol. V, p. 1168-1170.

⁶²REIS, Liana Maria. *Crimes e escravos na capitania de todos os negros*. Op. Cit. p. 81.

⁶³ VIANA, Kelly Cristina Benjamim. *Em nome da proteção real: mulheres forras, honra e justiça na capitania de Minas Gerais (1750-1822)*. Tese (Doutorado em História) UNB, 2014, p. 162.

contexto histórico estudado e a personagem Úrsula de Azeredo. Luciana da Cruz Brito comenta sobre o sofrimento das escravas:

Dentro das casas-grandes habitavam dores profundas que marcavam a vida das mulheres negras escravizadas. Essas dores e demais sentimentos não registrados nos arquivos (...) a história social da escravidão nos permite apontar outras versões do passado escravista e das relações entre famílias patriarcais e famílias escravizadas. No caso das mulheres negras escravizadas, sabemos hoje que essas mulheres foram apartadas dos seus filhos, adoeceram, morreram de parto, perderam seus filhos para a venda ou para morte (...) Algumas delas cometeram infanticídios porque recusavam a viver a maternidade na escravidão (...)⁶⁴

Luciana Brito tenta entender as dores dessas mulheres, que elas passaram ao longo desses quase 400 anos de escravidão. Como a autora mesmo ressaltou, essas diversas situações citadas já são temas abordados pela história social, porém a historiografia não comenta muito sobre o impacto sobre as escravizadas das suas relações pessoais com os seus senhores. Vejamos novamente o caso da escrava Caetana, de acordo com Sandra Graham, a Caetana tinha um sentimento de repugnância pelo casamento e também achava o seu futuro marido desagradável.⁶⁵ Quantas mulheres escravas não tiveram esse mesmo sentimento? Uma das razões pelas quais as mulheres conquistaram mais a carta de alforria, um argumento bastante usado pela historiografia, são as relações afetivas entre as cativas e seus donos.⁶⁶ É preciso evidenciar que tais relações foram fruto de violência sexual.

Sabemos que muitas das mulheres negras eram forçadas a se relacionar com os homens brancos, o concubinato era algo normal nas Minas setecentistas, a escassez de mulheres brancas contribuiu para essa generalização, inclusive muitas delas conseguiram a liberdade por causa dessas uniões.⁶⁷ Já debatemos ao longo do trabalho as vantagens dessas relações: aproximação e envolvimento íntimo das escravizadas com seus proprietários, bajulações, negociações cotidianas etc. Também falamos das manipulações ou a forma teatral de agir nessas situações. Mas poucos falam das dores dessas mulheres nessas condições, afinal ser forçada a relações sexuais com um homem e em alguns casos são por anos, certamente era uma experiência horrível. Karine Damasceno comenta sobre essa prática considerada normal no Brasil escravista ao contar a história de fuga da escravizada Belmira:

⁶⁴BRITO, Luciana da C. “Mulheres negras e escravidão.” Op. Cit. p. 163.

⁶⁵GRAHAM, Sandra L. *Caetana diz não*. Op. Cit. p.24.

⁶⁶ Alves, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p.36.

⁶⁷FURTADO, Júnia F. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes*. Op. Cit. p.21

Embora pouco notificado pela documentação devido à naturalização com a qual a violência sexual sofrida por mulheres cativas era tratada pela elite política, judicial e eclesiástica no Brasil desde o período colonial, os inúmeros casos de escravizadas que tiveram filhos com seus proprietários é um indicativo de que os abusos sofridos por mulheres como Germana, mãe de Belmira, era algo comum e de conhecimento público. Isso porque, no contexto da escravidão, entendia-se que o corpo dessas mulheres poderia ser duplamente explorado, para o trabalho e para o sexo (...)⁶⁸

A vida sexual precoce das escravas corrobora com essa prática, segundo Júnia Furtado começa entre 12 e 14 anos, a Chica da Silva quando conheceu o contratador de diamantes João Fernandes, tinha entre 18 e 22 anos, já era mãe de uma criança de dois anos.⁶⁹ É bem provável que ela foi forçada iniciar a sua vida sexual bem cedo. É difícil mensurar o sofrimento de mulheres como Chica em sua infância e adolescência. É verdade que houve um melhoramento de vida quando Chica tornou-se companheira de João Fernandes, aparentemente ele a tratou bem, entretanto ela também foi forçada a ter esse relacionamento. De fato, ela soube aproveitar a situação e teve uma ascensão social e econômica, mas os traumas e suas dores talvez nunca saberemos e como a Luciana Brito disse, esses sentimentos não estão nos registros, afinal o foco da historiadora Júnia Furtado era contar a história da Chica da Silva e desmistificar os contos sobre ela. Chica e Úrsula foram mulheres que souberam utilizar do concubinato de forma favorável, elas entenderam que a recusa poderia acarretar punições severas. Luciana Brito relata um caso bem peculiar:

O escravizado Liandro foi surrado a mando de Antônio Soares Veigas, homem branco e rico negociante senhor de escravos. De acordo com o curador de Liandro, o mesmo fugiu da casa do homem poderoso e bem relacionado porque o mesmo o havia convidado para “servir aos costumes de inversão da ordem natural do sexo masculino, para satisfazer os seus delírios e depravações...” Ainda segundo o curador, Liandro não costumava ter relações sexuais com homens (...) ele denunciou Antônio Veigas e resistiu, e por isso foi chicoteado em praça pública, uma vez que, numa sociedade escravista, negar submeter-se às vontades dos patriarcas era cometer um grande agravante à ordem social (...)⁷⁰

Esse relato é impressionante pela forma como terminou mal e injusto para a vítima, pois se tratou de uma tentativa de estupro de um homem em uma sociedade

⁶⁸DAMASCENO, Karine T. "Uma fugitiva em família em busca de liberdade na 'Cidade da Feira'". *Afro-Ásia*, Salvador, n. 64, 2021, p. 191.

⁶⁹FURTADO, Júnia F. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes*. Op. Cit. p. 112-113.

⁷⁰BRITO, Luciana da C. "Mulheres negras e escravidão." Op. Cit. p. 159.

bastante conservadora. A homossexualidade era pecado e mal vista na época. Antonio Veigas por ser um homem com muita influência conseguiu sair impune. As mulheres negras até onde sabemos não tinham a mesma oportunidade (denunciar um pecado) e assim não podiam recusar investidas dos senhores, elas lutavam de outras formas como vem sendo mostrado nesse trabalho.

Para nós a forra Úrsula de Azeredo sofreu violência sexual. Aparentemente, Úrsula é grata por seu ex-senhor, entretanto os seus agradecimentos a ele em seu testamento podem muito bem ser meras formalidades, talvez Gaspar realmente facilitou a sua liberdade, não criou muitas barreiras e foi justo no julgamento da forra Úrsula, pois ela era comerciante e devido à mobilidade usufruída pelo seu trabalho ela tinha uma rede de informações, então ela podia comparar a sua situação com outras mulheres, simular e tomar as melhores decisões baseando-se nas trocas de experiências. A alforria podia ser revogada e uns dos motivos é a ingratidão.⁷¹ Além de passar a imagem da escrava ideal, após a liberdade a pessoa forra tinha que mostrar gratidão ao seu ex-senhor, afinal foi uma dádiva de seu ex-dono.

Quando a Úrsula escreveu seu testamento, o Gaspar de Brito já se encontrava morto, no entanto, o português era um homem rico e fazia parte da elite da Vila do Carmo, provavelmente ele tinha contatos com muitos homens poderosos. Úrsula ao buscar criar a sua rede de apoio, certamente iria atrás de pessoas com bastante influência e acreditamos que ela conseguiu ter acesso a essa rede por causa do relacionamento com o seu ex-dono, alguns são próximos ou amigos de seu ex-dono. Era de conhecimento público o seu relacionamento com o sargento-mor, em seu testamento a crioula expressa gratidão não apenas para com o Gaspar, também mostrou gratidão à dona Anna do Amaral, esposa de Gaspar de Brito. Teria Anna contribuindo algo para a liberdade de Úrsula? É uma possibilidade, podemos dizer no mínimo que elas tinham uma relação próxima, se era boa ou não isso já é outra história.

A crioula Úrsula de Azeredo é mais uma ex-escravizada que conseguiu condições melhores de vida e um final satisfatório. Nem todos têm um final feliz, o caso citado por Karine Damasceno da escrava Belmira é bom exemplo, tentou lutar pela sua liberdade e de seus filhos por meios legais, porém ela perdeu. Para ela a escravidão era um destino pior que a morte, então ela optou pelo suicídio e infanticídio, somente pela morte eles

⁷¹ FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit. p. 79-80.

seriam verdadeiramente livres.⁷² É apenas uma suposição que nós apresentamos ao longo da pesquisa, existe a possibilidade da Úrsula ter fingido ser outra pessoa. Diferente da Belmira que lutou de forma direta e de frente contra o seu senhor; Úrsula escolheu “vestir uma máscara”⁷³ e escondeu os seus verdadeiros sentimentos. Embora o concubinato fosse entendido como uma ferramenta de liberdade, podia gerar dores emocionais e psicológicas nessas mulheres que não estão evidentes nos documentos. A Úrsula teve uma vida sofrida, após a liberdade imaginamos que ela viveu de forma mais tranquila e confortável.

2.2 – A forra Úrsula e a sua vida após a liberdade

Como foi a vida da Úrsula de Azeredo após conquista da liberdade? Presumimos e imaginamos uma vida mais tranquila e confortável. Diferente de sua vida anterior as suas preocupações seriam outras: a manutenção da liberdade e diminuição do estigma do seu passado como escrava. O que seria necessário para uma ex-escravizada alcançar esses objetivos? O seu trabalho no comércio foi um elemento importante para a sua saída do cativeiro, assim foi também importante para a sua vida de liberta. A crioula Úrsula acumulou uma quantidade considerável de bens, o seu monte-mor foi de 1.310 (Mil trezentos e dez oitavas de ouro), como uma ex-escravizada alcançou essa quantia? Isso é o que veremos e tentaremos entender agora, nessa parte do trabalho.

De acordo com Rogéria Alves alguns libertos procuravam formas de inserção no mundo da elite branca, uma das formas exemplificada por meio da famosa Chica da Silva é o concubinato.⁷⁴ Mas não precisa necessariamente ser um envolvimento íntimo, homens libertos podiam formar um relacionamento próximo com homens brancos, por exemplo, uma amizade. Procurar e manter uma rede de relações pessoais com pessoas brancas, sobretudo indivíduos com influência, certamente é uma forma de ascensão social e também uma forma de proteção. Liana Reis, ao mostrar que a justiça da época era corrupta, relata uma história interessante, um problema conjugal. O caso da Francisca da Cruz, preta forra e seu marido José da nação Cabo Verde, também liberto. É um caso de infidelidade por parte do preto José, ele se envolveu com uma escrava. Francisca era uma

⁷² DAMASCENO, Karine T. *Uma fugitiva em família em busca de liberdade na “Cidade da Feira”*. Op. Cit. p. 215-216.

⁷³ BRITO, Luciana da C. “Mulheres negras e escravidão.” Op. Cit. p. 158.

⁷⁴ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 25.

mulher de posses e fez de José o meeiro de seu inventário além de comprar a liberdade do marido.

Ultrajada pela forma que foi tratada pelo esposo, segundo Francisca depois de tanto benefício feito para ele, ainda houve uma ameaça de morte, portanto a forra Francisca saiu de casa e resolveu entrar na justiça. Em resumo ela não foi bem-sucedida, pois José foi favorecido pelo capitão-mor Pontes.⁷⁵ É uma história curiosa, Francisca teve uma verdadeira ascensão econômica diferente do forro José, proprietária de escravos e bens imóveis, ela era uma mulher com certa autonomia. Em teoria ela tinha mais poder que o marido, mas José por conhecer um homem de cargo elevado se sobressaiu na justiça. Enfim, essa história nos mostra a importância para uma pessoa de cor ter em sua rede de apoio pessoas brancas, principalmente de cargos elevados.

Acreditamos que a Úrsula entendia muito bem essa questão, tanto é que temos conhecimento por meio de seu testamento e inventário do envolvimento com pelo menos duas pessoas de cargos importantes: Manoel de Vargas Queiroga e o capitão-mor Rafael da Silva e Souza. O testamenteiro da Úrsula de Azeredo, Manoel de Vargas era tesoureiro e procurador da Câmara de Mariana,⁷⁶ a forra devia a ele um crédito de 194 oitavas de ouro e quinze oitavas de ouro sem crédito. Úrsula tinha um segundo testamenteiro e devia dinheiro a ele também, o juiz de órfãos e capitão-mor Rafael da Silva e Souza.⁷⁷ O fato de haver uma dívida entre eles é uma evidência ao menos de transações comerciais existentes. Como Úrsula conseguiu contanto com dois homens poderosos? Não sabemos, talvez a relação fosse oriunda do relacionamento com Gaspar de Brito, com base nas informações que temos é a única suposição que podemos fazer.

O trabalho deu autonomia para as mulheres negras? Acreditamos que sim e falamos disso um pouco na monografia. Antes de tudo, como fica a posição hierárquica dos libertos, sobretudo aqueles com posses? Na escravidão as mulheres negras não são donas dos seus próprios corpos, inclusive quando os homens escravizados tinham a chance de dominá-las, com permissão do senhor, eles não pensavam duas vezes. Mencionamos mais uma vez o caso da escravizada Caetana. Seu tio e padrinho Alexandre estava disposto a usar a violência caso necessário se a Caetana não aceitasse o casamento. De acordo com Sandra Graham, o fato de Caetana recusar o matrimônio foi um desafio

⁷⁵REIS, Liana Maria. *Crimes e escravos na capitania de todos os negros*. Op. Cit. p.79-81.

⁷⁶CHAVES, C. M. das G.; PIRES, M. do C.; Magalhães, S. M. de. (Orgs.). *Casa de vereança de Mariana: 300 anos de história da Câmara Municipal*. Ouro Preto: Editora UFOP, 2012, p. 215.

⁷⁷Idem, p. 214.

e provocação à autoridade de seu tio.⁷⁸ Caetana tinha um papel a ser cumprido, casar-se e ser submissa ao seu marido.⁷⁹

As mulheres da família de Caetana não disseram nada⁸⁰ e não poderiam, pois elas entendiam o lugar delas na hierarquia social. Nessa história é perceptível no cativo a posição das escravizadas. Como fica a hierarquia após a liberdade dessas mulheres? Algumas dessas ex-escravizadas experimentaram pequenos poderes e o trabalho deu a elas autonomia, era comum encontrar nos inventários das forras de posses que conseguiram seus bens “por meu trabalho, serviço e indústria.” Como é a relação delas com homens brancos e negros? Com os brancos obviamente não mudou nada, pois eles estavam no topo da hierarquia social. A Úrsula mesmo liberta preferiu manter um bom relacionamento com seu ex-senhor e com outros homens brancos, especialmente aqueles com poder.

Ao longo da pesquisa, mostrando as vantagens de mulheres forras se relacionarem com homens brancos, não necessariamente um relacionamento amoroso, como é o caso da Úrsula com seus testamenteiros, não sabemos o grau da relação deles, como já supomos talvez Úrsula aproximou-se desses dois homens influentes da Vila do Carmo por causa de seu ex-dono, pois ele fazia parte da elite da região. Houve casos de mulheres insatisfeitas com os maridos, Mariana da Silva, uma das forras mais ricas da pesquisa de Rogéria Alves, declarou em seu testamento que o marido não ajudou em nada em seu patrimônio.⁸¹ Sheila de Castro Faria destaca que o casamento poderia, em alguns casos, ser um desastre para as alforriadas de posses.⁸² As mulheres negras como escravas e comerciantes experimentaram a mobilidade e liberdade, sem um feitor ou proprietário observando, quando libertas, algumas dessas mulheres experimentaram pequenos poderes e autonomia.

Agora livre e com dinheiro, então qual seria a primeira coisa que Úrsula compraria? Provavelmente escravos. “O fato é que alforriados que obtinham recursos econômicos não hesitaram em adquirir escravos.”⁸³ Os escravizados eram um investimento, uma moeda de troca e o maior bem material da sociedade escravista brasileira. Rogéria Alves ressalta que para o alforriado ao tornar-se um proprietário de

⁷⁸ GRAHAM, Sandra L. *Caetana diz não*. Op. Cit. p. 86.

⁷⁹ GRAHAM, Sandra L. *Caetana diz não*. Op. Cit. p. 24.

⁸⁰ GRAHAM, Sandra L. *Caetana diz não*. Op. Cit. p. 88.

⁸¹ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 134.

⁸² FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit. p. 193.

⁸³ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 86-87.

escravos era uma ascensão social, pois expressava para o liberto estar numa posição acima da sua antiga vida e superioridade diante dos cativos.⁸⁴ Também é uma forma de atenuar ou de “esquecer” da vida no cativeiro, afinal o trabalho era coisa de escravo. O desprezo ao trabalho era algo cultural. Liana Maria Reis chama esse fenômeno de “ideologia do ócio”.⁸⁵ A autora explica como essa ideologia afetava os libertos:

Numa sociedade escravista, a ideia de trabalho estava completamente ligada à condição de escravo, e os indivíduos que conseguiam sua liberdade não desejavam exercer atividades que os identificassem com a antiga condição social. Uma vez alforriado, o ex-escravo, ao incorporar a ideologia escravista, esforçava-se por livra-se de toda e qualquer forma de trabalho regular e buscava a liberdade de ir e vir sem obedecer a ordens (...)⁸⁶

Liana Reis está se referindo aos forros que não se destacaram economicamente e socialmente, então a vadiagem é uma forma de liberdade e de combater o sistema escravista. Não é apenas um projeto de ascensão, os forros não querem trabalhar como escravo novamente, ou melhor, não querem nada que remeta à sua antiga condição de escravizado. A posse de escravos está relacionada a poder, a forma mais importante de demonstrar uma vida de abundância e de conforto.⁸⁷ Interessante é a ociosidade ser valorizada quando era a elite a fazer e nas camadas populares estar vinculada com a preguiça. A Úrsula, uma mulher de cor do seu tempo, comprou escravos pelo projeto de progresso social e para viver na ociosidade, como a elite branca. Ela preferiu mulheres, ela tinha cinco escravas adultas, pois elas ocupariam a sua antiga função de quando era escrava. O que essa vida de proprietária de escravos rendeu à forra Úrsula? A mobília de Úrsula mostra como foi a sua vida de liberta:

A mobília e os demais objetos da casa de Úrsula não deixam dúvidas: ela seguia os padrões da elite local no que se refere ao mobiliário de sua casa. E como prova disso, analisamos o inventário de um homem branco e livre, morador também no Termo de Mariana, em 1730. Domingos Rodrigues de Matos era senhor de 13 escravos e dono de vários bens, cuja soma ultrapassava os três contos de réis, se constituindo no maior valor de monte-mor que localizamos para o ano de 1730. A mobília alistada no inventário de Domingos era muito semelhante à encontrada no inventário de Úrsula: tachos de cobre, talheres de prata, lençóis de linho, cobertores de palha, guardanapos e toalhas de linho, tapete e almofadas.⁸⁸

A decoração da casa de Úrsula também se destaca:

A casa da liberta Úrsula de Azeredo era adornada com colchas de seda e de chitas, além de tapetes, cortinados de seda e almofadinhas em renda e pano de linho. Para dormir, ela contava com catres de pau branco com suas armações, colchões de palha, cobertores de linho e palha, lençóis de linho e também

⁸⁴ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 87.

⁸⁵ REIS, Liana Maria. *Crimes e escravos na capitania de todos os negros*. Op. Cit. p. 39.

⁸⁶ REIS, Liana Maria. *Crimes e escravos na capitania de todos os negros*. Op. Cit. p. 40.

⁸⁷ REIS, Liana Maria. *Crimes e escravos na capitania de todos os negros*. Op. Cit. p. 38.

⁸⁸ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 118.

travesseiros adornados com renda. Na cozinha da liberta, havia vários tachos de cobre – em vários tamanhos e pesos - pratos em estanho, bacias de fazer doce, espetos de ferro, louças e caixas da Índia e colheres de prata. As mesas de madeirada casa de Úrsula podiam ser cobertas com toalhas de linho e guardanapos no mesmo tecido.⁸⁹

A alforriada Úrsula de Azeredo adquiriu muito bens, além dos escravos, em seu inventário encontrava: peças de ouro e de prata, duas colheres de pratas, uma cruz de diamante, corais engrazados em ouro, aljôfares etc. O seu vestuário destaca-se pela quantidade de roupas. A Úrsula era rica? Não. A Úrsula como muitos de seus contemporâneos vivia de ostentação e aparências. A casa dela é um bom exemplo, embora houvesse um esforço para parecer com uma moradia da elite, ela vivia de aluguel. A construção da imagem é algo extremamente importante na época e era normal a pessoa aparentar ser algo mais do que era, destacamos os libertos. Úrsula não foi diferente, certamente a crioula tentou construir a imagem de uma mulher virtuosa e de poder. A honra era requisito importante:

Na colônia portuguesa da América, a honra feminina se destacava como parâmetro nas relações entre os sexos e também na posição social. No entanto, o ideal e mulher honrada não se aplicava uniformemente a todas as mulheres, uma vez que a escravidão permeava todas as relações sociais, separando e opondo os indivíduos livres e escravos, de ambos os sexos. A honra era, em tese, um bem atribuído apenas a homens e mulheres brancos e livres, mas também perseguido pelos forros e forras, que buscavam ser com aqueles identificados e reconhecidos, ao mesmo tempo em que procuravam se distinguir dos escravos e escravas (...)⁹⁰

Como já dissemos antes a honra feminina era associado à sexualidade, ou seja, a mulher tinha que ser submissa, casta, casada, fiel etc. O critério do homem era outro, as virtudes cívicas.⁹¹ Era impossível para uma mulher pobre que tem a necessidade de trabalhar seguir o modelo da elite, a imagem de uma donzela que socialmente possui características como: recato, reclusão, decência, pureza etc.⁹² A solteira honrada é virgem, a casada honrada é fiel e submissa ao marido. E quanto às mulheres pobres e negras? Era realmente impossível uma mulher de cor ser honrada? De acordo com Kelly Benjamim:

Existiam também mulheres já classificadas de antemão como “sem honra”, em razão de sua condição social, da cor de sua pele ou de sua ocupação. Assim, escravas, prostitutas ou mulheres que ganhavam a vida circulando pelas ruas,

⁸⁹ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 117-118.

⁹⁰ VIANA, Kelly Cristina Benjamim. *Em nome da proteção real*. Op. Cit. p. 159-160.

⁹¹ VIANA, Kelly Cristina Benjamim. *Em nome da proteção real*. Op. Cit. p. 161.

⁹² VIANA, Kelly Cristina Benjamim. *Em nome da proteção real*. Op. Cit. p. 163.

eram vistas como desprovidas desse valor. Escravas e forras negras eram consideradas, por sua ligação, direta ou indireta, com o cativo, mulheres sem honra, e como tais sexualmente disponíveis. O estigma da escravidão, e as dimensões de raça/cor da pele a ela associados, respondiam pela hierarquização estabelecida no interior das relações sociais. As mulheres negras, independentemente da condição civil de forras ou livres, eram vistas pela sociedade como desqualificadas, inferiores em relação às brancas: eram mulheres sem honra a ser preservada.⁹³

A imagem das mulheres de cor não era das melhores, a sexualização mais a marca da escravidão as condenavam. Grande parte dessas mulheres não casava, o concubinato era o mais normal. As forras não seguiam o padrão, o homem nem sempre era o chefe da família e o papel da esposa não era ser submissa, aliás, algumas libertas chefiavam as suas casas, devido à escravidão muitas delas não puderam formar uma família tradicional, houve arranjos familiares que não se enquadram no padrão da família nuclear. Discutiremos isso no próximo capítulo. Kelly Vianna destaca o sentido da honra sobre o ponto de vistas das libertas, elas tinham uma perspectiva diferente da elite. Ser uma pessoa de palavra, uma pessoa que honrava os seus compromissos, tinha crédito na praça, capacidade de prover a si e a seus familiares.⁹⁴ Aparentemente as pessoas de cor já estavam praticamente condenadas, porém houve aqueles que conseguiram honra apesar de todas as dificuldades.

A Chica da Silva é o maior exemplo de uma mulher de cor honrada. Chica mesmo no papel de concubina de João Fernandes recebeu o mesmo tratamento de senhoras da elite.⁹⁵ O envolvimento com homens influentes certamente ajudou muitas mulheres de cor a ganhar boa fama. Acreditamos que a forra Úrsula de Azeredo foi uma mulher honrada na sociedade mineira setecentista, mas foi algo construído e demorado. A construção da imagem não era apenas para ostentação e era também uma forma de sobrevivência. O fato de Úrsula possuir muitas dívidas e reconhecer a maior parte delas é prova de sua mobilidade social, primeiro ela construiu a imagem de liberta, pois a manutenção de sua liberdade é a primeira prioridade, depois imagem de uma mulher que cumpria os seus compromissos comerciais. Por último, o mais difícil a imagem da mulher virtuosa, provavelmente Úrsula alcançou esse objetivo devido ao contato com a elite: Gaspar de Brito, Manoel de Vargas Queiroga e o capitão-mor Rafael da Silva e Souza.

A famosa Chica da Silva foi uma mulher incrível e talvez para muitos ela seja única, porém afirmamos que houve outras Chicas, obviamente não tão ricas e grandes

⁹³ VIANA, Kelly Cristina Benjamim. *Em nome da proteção real*. Op. Cit. p. 175.

⁹⁴ VIANA, Kelly Cristina Benjamim. *Em nome da proteção real*. Op. Cit. p. 191.

⁹⁵ VIANA, Kelly Cristina Benjamim. *Em nome da proteção real*. Op. Cit. p. 180.

como a original. Cremos que a Úrsula seja uma delas. Uma mulher que realmente cresceu socialmente em uma sociedade no qual já foi escrava. Soube construir uma rede de apoio de baixo para cima. Em suma, a sua vida após o cativeiro foi para manutenção da liberdade, construção de uma imagem de uma mulher honrada e a sua ascensão social. As suas estratégias foram eficientes, pois ela entendeu o funcionamento do mundo no qual estava vivendo e soube aproveitar as oportunidades.

Capítulo 3 – Família negra

Usaremos o termo família negra, um conceito abrangente que pode ser usado para descrever os arranjos familiares do período escravista. Isabel Reis em sua tese de doutorado ampliou o termo família escrava para família negra, pois tentava entender melhor a experiência de vida familiar dos negros no contexto histórico analisado em sua pesquisa.⁹⁶ Iremos pelo mesmo caminho, para entendermos melhor os arranjos familiares do período estudado na monografia, conseqüentemente compreenderemos melhor a questão familiar da forra Úrsula de Azeredo.

3.1 – A formação familiar da forra Úrsula de Azeredo na escravidão

Úrsula era solteira e tinha três filhos que viviam longe dela, seus filhos viviam sob o cuidado do capitão-mor Antônio Caetano, genro de Gaspar de Brito. A verdade é que ela nunca teve o direito de possuir uma família, isso foi tirado dela, trabalhou grande parte de sua vida para sobreviver. Não se sabe exatamente quando Úrsula se separou de suas crianças, provavelmente ela cuidou delas nos primeiros anos de vida, por exemplo, amamentando seus filhos que quando atingiram certa idade saíram dos cuidados da mãe. Embora não saibamos as circunstâncias dessa separação familiar, talvez houvesse um consentimento da Úrsula nesse processo. Seus filhos eram livres, possivelmente eles teriam uma vida e oportunidades melhores vivendo com o genro de Gaspar. O foco, no caso, é a obtenção e a manutenção da liberdade, segundo Sheila de Castro a criação de filhos pode impedir que as escravas acumulem pecúlio, pois as crianças geram despesas e impossibilitam as mães de exercerem certos ofícios.⁹⁷

Isso é uma possibilidade dentro de um cenário que imaginamos. Temos apenas o testamento e inventário da Úrsula como fontes. Quais foram às informações necessárias para criar esse possível cenário histórico? Os filhos e o concubinato de Úrsula com Gaspar de Brito, o pai que reconheceu os filhos e eles nasceram livres. Se partimos do pressuposto da possibilidade apresentada acima que Úrsula cuidou dos filhos nos primeiros anos de vida, então estamos afirmando que o sargento Gaspar estava vivo nos primeiros anos de vida de seus filhos com a crioula. Ele podia ter morrido quando as

⁹⁶ REIS, Isabel Cristina F. *A família negra no tempo da escravidão: Bahia, 1850-1888*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2007, p. 19.

⁹⁷ FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit.p. 189.

crianças eram ainda bem novas. Qual a diferença de idade entre ele e sua ex-escrava? Sabemos que Úrsula morreu em 1730 e o Gaspar? Morreu cinco anos, dez anos antes da Úrsula? Sabemos que ele e sua esposa morreram antes, porém não quando.

Uma informação importante: Gaspar de Brito reconheceu os filhos tido com a sua ex-escravizada Úrsula de Azeredo. Era comum o não reconhecimento de crianças nascidas de relações entre senhor e escrava, principalmente em caso de adultério. Segundo Sheila de Castro o alto índice de crianças libertadas em testamento, inclusive gratuitamente, sugere um grau parentesco com o ex-senhor.⁹⁸ Alguns homens casados e com posses podiam não reconhecer a paternidade, porém eles alforriavam as crianças sem explicação.⁹⁹ Embora alguns homens não admitissem a paternidade, eles deixavam fortes indícios de que eram os pais das ditas crianças.¹⁰⁰

Adriana Reis relata um caso familiar curioso, a história do capitão Manuel de Oliveira Barroso no qual reconheceu sete filhos: uma filha com uma mulher branca, Rita Maria de Santo Antônio e seis filhos com uma mulher preta, Luzia Gomes de Azevedo. A autora destaca a falta de sensibilidade dos senhores perante os filhos naturais¹⁰¹ de relações com escravas, mas o capitão escolheu um caminho diferente; seu filho Domingo Antônio foi comprado por 40 mil réis de seu irmão, capitão José de Oliveira Barroso. Domingo havia sido separado de sua família na partilha de bens dos pais do capitão Manuel de Oliveira.¹⁰² O texto leva a entender que inicialmente Luzia Gomes não pertencia a Manuel e já eles tinham alguma relação, no entanto, a autora não explanou sobre isso.

O sargento-mor Gaspar de Brito mostrou-se preocupado com o futuro de seus filhos, obrigou o seu genro, o capitão-mor Antonio Caetano Pinto, a alimentá-los e vesti-los. Parte de seu testamento foi colocado no inventário de Úrsula, especificamente a partilha de bens para a crioula e seus filhos. Em resumo, não foi apenas a sua filha legítima que recebeu seus direitos e obrigações como herdeira, o sargento deixou uma herança para Úrsula e seus filhos. Isso significa que a Úrsula não foi qualquer mulher para ele, talvez ele criou sentimentos pela sua ex-escrava. Enfim, esse fato é mais um elemento

⁹⁸FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit. p. 104.

⁹⁹FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit. p. 118.

¹⁰⁰REIS, Adriana Dantas. Mulheres "afro-ascendentes" na Bahia: gênero, cor e mobilidade social (1780-1830). In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012, p. 25.

¹⁰¹ Filhos naturais são frutos de relações tidas fora do casamento, ou seja, nenhum dos pais era casado na Igreja (com voto de castidade).

¹⁰²REIS, Adriana Dantas. Mulheres "afro-ascendentes" na Bahia. Op. Cit. p.28.

que reforça a ideia do concubinato como componente importante ou primordial para a conquista da liberdade de Úrsula de Azeredo.

O primeiro cenário histórico que imaginamos foi de Úrsula cuidando de seus filhos nos primeiros anos de vida, a criação podia atrapalhar no acúmulo de pecúlio. E agora apresentamos esse possível cenário com uma leve alteração, mas fez diferença para aquela “família”: talvez não houvesse gasto monetário por parte da forra Úrsula, visto que Gaspar de Brito reconheceu os seus filhos e se preocupou com o futuro dos mesmos é plausível que ele sustentou as crianças. A Úrsula teve o trabalho facilitado. Outra possibilidade é que Úrsula conquistou a alforria gratuita condicional. Trabalhamos com a hipótese que a sua liberdade foi comprada.

Criamos argumentos, dentro do contexto histórico apresentado e das informações obtidas, que a liberdade de Úrsula foi comprada por ela. O leitor pode questionar a hipótese, se é por afeto a conquista da liberdade, então por qual razão Úrsula pagou por ela? É um questionamento justo. Apresentamos alguns argumentos ao longo do trabalho, repetindo mais uma vez, normalmente o processo de coartação era concedido às concubinas e aos escravos de confiança.¹⁰³ Não sabemos por quanto tempo Úrsula foi escrava de Gaspar, em algum momento ela conseguiu convencê-lo para receber a carta de alforria. Talvez por anos ela tenha trabalhado para o sargento sem um acordo pela a carta de liberdade.

Voltamos para a questão da alforria gratuita condicional. De acordo com Júnia Furtado era comum os senhores libertarem os filhos naturais na pia batismal, mas as concubinas somente em testamento¹⁰⁴, ou seja, quando o senhor está perto da morte, ele elaborava o documento para alforriar a sua companheira, somente quando a morte é concretizada a escrava era alforriada. Será que essa situação não era o caso da Úrsula? É uma possibilidade. Imaginemos a seguinte situação: Gaspar de Brito perto da morte e, então, preocupado com futuro dos seus filhos naturais, ainda pequenos, e em seu testamento força o seu genro a criá-los. Não está claro como Antonio Caetano foi forçado a cuidar das crianças.

A Úrsula não poderia cuidar de seus filhos sozinhos? Provavelmente sim, mas seria algo bastante exaustivo. Se para a mulher moderna é difícil a dupla jornada, imagine uma mulher do tempo da Úrsula. Certamente Gaspar pensou nisso e eles teriam uma vida melhor morando com o capitão Antonio Caetano. A Úrsula estava bem com isso? A

¹⁰³ FURTADO, Júnia F. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes*. Op. Cit. p. 105.

¹⁰⁴ FURTADO, Júnia F. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes*. Op. Cit. p. 106.

separação da família dos escravos é dolorosa, com certeza Úrsula ficou triste, porém os filhos estão livres e com uma oportunidade melhor de vida, isso talvez foi o seu consolo. Durante a sua vida na escravidão, a sua família foi somente os seus filhos, ao menos isso que acreditamos e, Gaspar não fazia parte, afinal estamos falando de uma relação não consensual. Por isso afirmamos que foi tirado de Úrsula e de muitos outros escravizados o direito de constituir uma família de forma saudável, como entendemos hoje em dia.

Sandra Graham comenta sobre a partilha de bens do senhor e como isso impactava a família negra, com a morte do senhor havia um clima de incertezas para os escravos,¹⁰⁵ então como ficariam aqueles que tinham famílias? Será que os herdeiros se sensibilizavam com a situação? Pode ser que houvesse alguns que solidarizavam, mas em grande parte não. A situação de Úrsula e seus filhos é mais um arranjo familiar gerado pela escravidão e com toda a certeza impactou a sua vida de liberta. Ela não foi capaz de deixar a sua família unida, porém os seus filhos eram livres e a localização deles era de seu conhecimento. Além da liberdade, a outra grande conquista da Úrsula foi ela e a sua família possuírem algo da partilha de bens do seu ex-senhor, ao invés de eles fazerem parte da partilha como bens materiais.

3.2 – A família negra após a escravidão

Como foi a vida da Úrsula de Azeredo após sair do cativeiro, especificamente no âmbito familiar? Como sabemos, Úrsula teve três filhos fruto do relacionamento com seu ex-proprietário Gaspar de Brito, seus filhos foram morar na comarca do Rio das Mortes com o capitão-mor Antonio Caetano Pinto. É provável que ela após a separação de sua família nunca mais tenha visto os filhos, mas ela nunca se esqueceu deles, afinal os três foram nomeados pela mãe como seus herdeiros.

A razão de essas mulheres não formarem mais uma família, após a liberdade, deve ser por causa da demora de saírem do cativeiro, ou seja, ou já estavam velhas ou inférteis. Talvez elas não tivessem mais interesse em constituir família. É uma suposição, mas talvez elas tiveram uma péssima experiência com os homens, como o caso da Úrsula de Azeredo pode nos levar a concluir. Se partirmos do pressuposto de um relacionamento não consensual, é o que acreditamos, então devido aos traumas oriundos dessa convivência com homens brancos, não seria surpresa a falta de interesse na formação de

¹⁰⁵GRAHAM, Sandra L. *Caetana diz não*. Op. Cit. p. 65.

outra família Não pretendemos nos aprofundar nessa questão no sentido psicológico, até porque não é propósito da pesquisa, porém fica a pergunta no ar, por qual razão uma forra que foi obrigada a ter um relacionamento com um homem que era seu senhor ficaria com outro após a sua liberdade? No caso de um arranjo familiar formado por mulheres somente há a explicação econômica, as escravizadas iriam executar o mesmo trabalho desempenhado pela sua senhora.

A família negra ao longo da escravidão teve diversas configurações familiares, seja como escravizados ou libertos, aliás, até afetava os nascidos livres. Por causa da violência da escravização, a família tradicional era um tanto difícil para os negros, mesmo após a liberdade. A formação familiar da Úrsula não é peculiar, mas ela poderia formar uma família de consideração com as suas escravas, não era impossível ela se apegar às suas escravizadas. À princípio pelo projeto de elevação de status social, ela comprou escravas para exercerem o mesmo trabalho quando era uma cativa, ao menos uma para os trabalhos domésticos e assim viveria na ociosidade. Há exemplos disso na historiografia brasileira. Esse comportamento da Úrsula corrobora com afirmação da Sheila de Castro ao contar a história da africana Francisca Maria Tereza:

Francisca não investiu numa escravaria feminina somente porque, no mercado, as mulheres eram mais baratas que os homens. Sua opção foi calculada e estava de acordo com as atividades realizadas, no Brasil, por negras em zona urbana. A esmagadora maioria das testadoras forras que analisei tinha escravaria composta majoritariamente por mulheres. Quando havia homens, quase sempre eram crioulos, filhos de suas escravas.¹⁰⁶

Exatamente como a Úrsula, o único homem de seu plantel de escravos era um garotinho que mostrou ser de três anos para mais ou menos, Manoel “mulatinho”, filho de uma de suas escravas. Para nós não é uma opção calculada, era a única para a maioria das forras. O pequeno comércio acabou sendo o destino de muitas mulheres negras, sejam elas escravizadas ou libertas. A Sheila Faria comenta “tudo indica mesmo alforriadas e enriquecidas continuavam a exercer as atividades que executavam enquanto escravas.”¹⁰⁷ O comércio ambulante era uns dos papéis das mulheres de cor na época e não tinha muito como fugir dessa fatalidade. Úrsula ainda continuou comerciante depois de sair do cativeiro, a diferença é que como uma pessoa liberta se tornou uma senhora de escravas

¹⁰⁶ FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit. p. 199

¹⁰⁷ FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit. p. 163

e eram as suas cativas que faziam o trabalho árduo. A atividade comercial era o mais comum no termo de Mariana.

Quadro 1: Atividades econômicas desenvolvidas pelas mulheres forras no Termo de Mariana (1727-1838)

Atividade econômica:	Número de mulheres forras:
Pequeno comércio	13
Plantio e venda de alimentos	2
Prestação de serviços	2
Exploração mineral	1
Total	18

Fonte: Rogéria Cristina Alves *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 81.

A pesquisa da Rogéria Alves mostra o comércio ambulante com a principal atividade dessas mulheres. O nosso trabalho demonstrou ao longo do tempo a importância do pequeno comércio para as mulheres de cor. Essa atividade econômica podia gerar solidariedade entre as escravas e alforriadas, uma rede de informação. Não seria algo estranho uma senhora negra cuja toda a sua fortuna veio do comércio formar laços afetivos com as suas escravas, por passar pelas mesmas experiências é compreensível para senhora a situação de suas cativas. Entretanto não significava liberdade para essas escravizadas, a senhora negra podia tratar melhor do que uma pessoa branca, porém elas ainda são bens materiais e a senhora de cor tinha um projeto de ascensão social. A Sheila de Castro Faria comenta sobre os benefícios desse arranjo familiar para as escravizadas:

Quase todas as crianças filhas das escravas foram alforriadas, 98% delas gratuitamente. A argumentação das testadoras era sempre a mesma: indicavam-nas como “crias” e as libertavam gratuitamente por as terem criado e pelo muito amor que lhes tinham. As mães escravas, entretanto, poucas vezes foram alforriadas gratuitamente. Quando o eram, deveriam esperar a morte da testadora, do testamenteiro ou do marido da testadora.¹⁰⁸

O apego emocional entre essas mulheres de cor de classes diferentes era algo comum, ao menos por parte da dona, ainda sim havia uma hierarquia. Essas senhoras já foram escravas e depois se tornaram proprietárias de cativas, elas entendiam como funcionava o “jogo”. Mulheres como Úrsula eram experientes, inclusive algumas delas

¹⁰⁸ FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras*. Op. Cit. p. 202.

simularam afeto com seus ex-senhores. É uma possibilidade as senhoras de cor serem vítimas de afetos teatrais, porém com base nos dados da historiadora Sheila de Castro, nós acreditamos mais na possibilidade de afeto real entre elas. Aquilo que já dissemos essas senhoras já foram escravas e são experientes, então é difícil de acreditarmos que elas (a grande maioria delas) seriam enganadas pelas mesmas estratégias usadas por elas no tempo quando eram cativas.

Algumas dessas casas de família negra eram chefiadas por mulheres, a Úrsula foi uma delas. Até mesmo em famílias que na teoria elas não seriam os chefes da casa ainda assim exerceriam um papel importante. A prostituição foi o meio de sobrevivência de algumas famílias pobres, Luciano Figueiredo afirma que devido à situação difícil os homens da casa, sejam eles pais, maridos, padrastos, eles permitiam que suas mulheres vendessem os seus corpos. Então as filhas, irmãs, enteadas e cunhadas eram as responsáveis pelo sustento da casa por meio do meretrício. O autor relata um caso de uma mãe que deixava passar como despercebida a forma como a filha ganhava dinheiro:

A viuvez foi decerto um dos principais motivos que empurraram "a Enforcada", como era conhecida a mulata Inácia e Mariana, a fazer vista grossa para sua filha, que se prostituía havia oito anos. Morando na mesma casa, a mãe via "entrar homens para tratarem torpemente com a dita filha". A razão era indiscutivelmente econômica, pois se dizia que permitia esses "desaforos para [que] se sustentasse e vestisse pelo pecado da dita sua filha" ¹⁰⁹

Ao contrário daquilo que estamos mostrando ao longo do trabalho, a mulata Inácia e Mariana aparentemente era incapaz de adquirir dinheiro e dependeu do marido para o sustento da casa, com a morte do esposo a sua dependência passou para a sua filha. Pelo visto a filha não tinha ofício, então a sua única opção foi à prostituição. Havia aqueles que sobreviviam por meio dessa prática, houve outros ganhando com o meretrício, ou melhor, os donos dos escravos ganhando com as suas escravas na prostituição. Luciano Figueiredo comenta sobre a dupla exploração da escrava, o pequeno comércio e a prostituição:

Uma das atitudes que demonstravam essa dupla exploração da mulher escrava era o pequeno comércio executado pelas negras de tabuleiro. Aparentemente essas mulheres contavam com enorme autonomia, já que podiam circular sem a vigilância permanente do proprietário, desde que trouxessem o rendimento exigido. As aparências se desvanecem quando nos aproximamos de inúmeros casos em que os senhores, ou senhoras, exigiam jornais muito altos e que

¹⁰⁹ FIGUEIREDO, Luciano R. Três pretas virando o jogo em Minas Gerais no século XVIII. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012, p. 48.

ultrapassavam o valor dos bens comestíveis que era levado no tabuleiro. Se não quisessem ser punidas por faltar com o que a sua condição impunha, essas mulheres não escapavam de vender seus corpos.¹¹⁰

A sorte é fator determinante em muitos ou em todos os casos de liberdade conquistada. A Úrsula teve sorte com o seu senhor por vários motivos já escritos nessa pesquisa. A crueldade na escravidão era algo recorrente, a forra Úrsula mesmo com mais sorte em relação a outras mulheres não escapou de um relacionamento não consensual com o seu senhor. O comércio ambulante e a prostituição rendiam um bom lucro para o senhor. Houve mulheres que fizeram a sua fortuna com o pequeno comércio, entretanto essa não foi a realidade de todas. Não eram somente os senhores brancos que exigiam rendimentos injustos de suas escravizadas, Luciano Figueiredo relata um caso de até uma ex-escrava foi capaz de mostrar tamanha crueldade:

(...) Ex-escravas esqueciam a penosa condição do cativo quando se tratava de adquirir recursos para melhorar a vida. Se grupos de mulheres dividiam o domicílio nos quais libertas traçavam estratégias de ascensão, formavam pecúlio de sinhás e muitas vezes alforriavam suas escravas, um cotidiano de violência espreitava o trabalho das cativas aí presentes. A preta forra Catarina de Sousa, moradora em Rio de Santo Antônio em Conceição do Mato Dentro, "obriga com castigos as suas escravas a que lhe deem jornal todos os dias de serviço". Não satisfeita, costumava exigir que aos domingos e dias santos o jornal fosse dobrado, visto que a freguesia estava mais disponível. Contudo, talvez o maior de todos os problemas residisse no fato de que Catarina não dava a suas escravas "vendagem que valha o jornal que lhe pedem", não restando outra solução a elas senão obter os jornais "em ofensas de Deus". (...)¹¹¹

Embora muitas escravizadas tenham se beneficiaram desse arranjo familiar com uma senhora negra, houve casos de senhora como a forra Catarina de Sousa agiu como muitos senhores brancos mostrando perversidade com seus cativos. A forra Úrsula foi uma boa ou cruel senhora? Não temos evidências para responder à essa questão. É verdade que ela não alforriou nenhuma delas, porém ela tinha muitas dívidas. Débora Gonzaga afirma que o mercado de crédito era essencial para o funcionamento da economia mineira. Essa prática beneficiou as comerciantes, afinal com essa prática podia ter o produto adiantado.¹¹² A coartação pode ser considerado uma prática creditícia, um costume nas Minas setecentistas que beneficiou inúmeros escravos.¹¹³ Apresentamos uma hipótese da Úrsula ter comprado a sua liberdade, ela teria pago parcelado a sua carta de

¹¹⁰FIGUEIREDO, Luciano R. Três pretas virando o jogo em Minas Gerais no século XVIII. Op. Cit. p. 49.

¹¹¹ FIGUEIREDO, Luciano R. Três pretas virando o jogo em Minas Gerais no século XVIII. Op. Cit. p. 49.

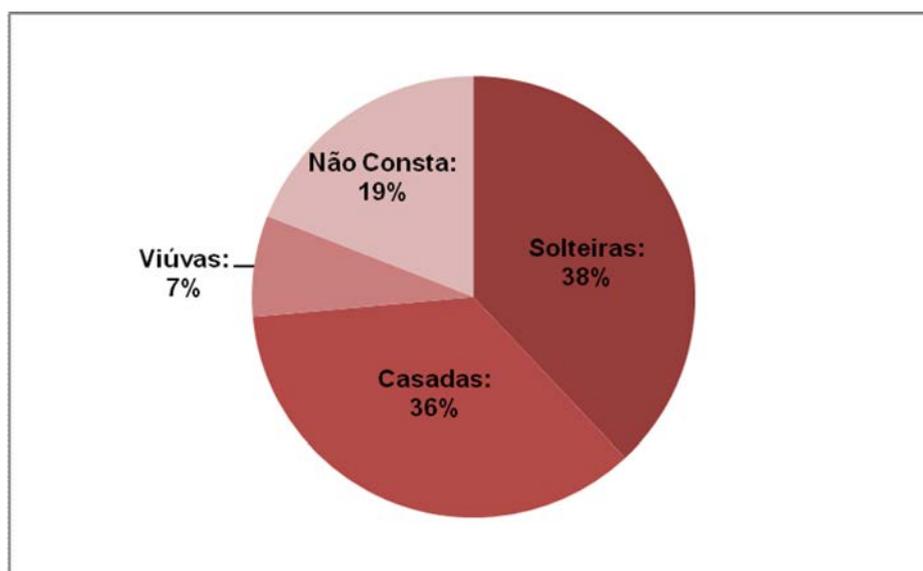
¹¹² CAMILO, Débora C. de G. *As donas da rua*. Op. Cit. p.114-115.

¹¹³ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 154.

alforria? É uma possibilidade, mas não comprovamos. O certo que ela tinha muitas dívidas, mas foi por causa dessa forma de pagamento que ela foi capaz de ir além, conseguindo adquirir uma boa quantidade de bens. Provavelmente ela manteve as suas escravas como garantia de pagamento de suas dívidas.

A forma como as forras administravam a vida econômica afetava as suas relações com suas escravas. Não era impossível a Úrsula criar sentimentos por suas cativas, porém primeiro vem as obrigações com seus credores, afinal estavam em jogo o seu nome e honra. Ela demorou muitos anos para construir uma boa reputação, portanto ela não sujaria o seu nome por sentimentalismo. Vejamos outro exemplo contado por Eduardo França Paiva, a preta forra Izabel Pinheira, uma mulher pobre. Seus setes escravos foram seus únicos bens, em resumo, todos foram libertados, os que não receberam a alforria foram coartados.¹¹⁴ A forra Izabel era a matriarca de uma família negra, por seus sentimentos e também pela sua condição financeira libertou a sua família. O nosso foco foi mais em mulheres com a situação parecida com a Úrsula de Azeredo por ser ela o nosso objeto de pesquisa. Nem toda a ex-escravizada teve uma relação não consensual com o seu senhor. Após a liberdade algumas delas casaram.

Gráfico1: Estado civil entre as mulheres forras testadoras e inventariadas no Termo de Mariana (1727-1838)



Fonte: Rogéria Cristina Alves, *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 138.

¹¹⁴ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Op. Cit. p. 149.

De acordo com a Rogéria Alves a maioria das forras não casou, citamos alguns motivos nessa pesquisa para esse fato. As relações ilegítimas, o concubinato é ressaltado pela a autora, embora grande parte dessas mulheres declarasse ser solteiras, na verdade algumas delas tinham algum tipo de relacionamento com homens brancos.¹¹⁵ O casamento é caro, demorado e complicado demais.¹¹⁶ A análise sobre relacionamentos e casamentos das forras dessa pesquisa está voltada para a perspectiva da Úrsula de Azeredo, mas houve mulheres libertas casadas, ao menos 36% das forras testadoras e inventariadas no Termo de Mariana (1727-1838) foram casadas.¹¹⁷ Certamente há razões para essas mulheres casarem, destacamos duas: forros que compraram as suas esposas com a condição de alforriá-las após o casamento¹¹⁸ e aumento do patrimônio.¹¹⁹ Com certeza tinha mais motivos, mas não é o nosso propósito explicar sobre o casamento dos forros.

O relacionamento é um aspecto importante na vida da grande maioria dos seres humanos, não importando a época. Para os escravos e forros essa questão também se mostrou valiosa. Para nós pesquisadores o relacionamento e casamento se apresentaram com um bom elemento de estudo para entendermos a mentalidade da época, como as pessoas de cor viveram e como essa questão afetou o comportamento da sociedade do período estudado.

¹¹⁵ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 138-139.

¹¹⁶ FIGUEIREDO, Luciano R. *Três pretas virando o jogo em Minas Gerais no século XVIII*. Op. Cit. p. 47.

¹¹⁷ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 138.

¹¹⁸ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 141.

¹¹⁹ ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros*. Op. Cit. p. 89.

Considerações finais

A análise do testamento e inventário da Úrsula revela aspectos importantes da vida da forra, da mentalidade de sua época e parte do funcionamento daquela sociedade. Embora sejam apenas fragmentos de sua trajetória, porque nós só temos esses documentos e não vários para formar uma trajetória, foi uma pesquisa produtiva. Pelo o tipo de documento analisado acabamos focando mais em sua vida de liberta. Temos uma noção como foi a vida da Úrsula como escravizada do sargento-mor Gaspar de Brito.

A luta pela a liberdade foi um elemento importante de análise. Úrsula viveu uma parte de sua vida como escrava do sargento tentando conquistar a carta de alforria. Não sabemos como e quando começou, porém em algum momento foi percebido pela crioula a possibilidade de convencer o seu dono em alforriá-la. Apontamos fatores que contribuíram para a sua libertação: dinheiro, sorte, rede de informações, aproximação e bom relacionamento com o senhor. Todos esses fatores são presentes na trajetória de Úrsula e foram necessários, não somente para ela como para alguns outros escravizados, pois possibilitaram a saída do cativo.

Não existiu um padrão para a ascensão socioeconômica, conquista e manutenção da liberdade, embora muitas estratégias dos escravizados e forros sejam parecidas. Aparentemente muitas situações se mostraram parecidas, por exemplo, o concubinato. Algumas mulheres negras foram capazes de tirar vantagens e até mesmo conquistaram a liberdade com envolvimento com homens brancos, porém foram poucas que conseguiram sair da escravização. Por que umas conseguiram a liberdade e outras não? Faltava ou havia alguns fatores diferentes na situação de cada uma. Ao que tudo indica, Úrsula teve sorte em ser escrava de um senhor tolerante e não cobrava valores altos de seus ganhos.

A flexibilidade do sistema escravista foi uma das razões que tornou a capitania das Minas setecentistas fascinante. A urbanização da região mineradora causada pela cobiça do ouro possibilitou riquezas para muitos, para os escravos mais chances de conseguir a alforria. Mesmo não conquistando a liberdade, muitos escravizados experimentaram certa liberdade, mobilidade social e autonomia. Devido o trabalho da alforriada Úrsula de Azeredo ser no comércio ambulante, ela usufruiu de uma pequena liberdade, participou de uma rede de informação e em algum momento percebeu que poderia manipular o seu senhor com a intenção de obter vantagens, até mesmo conquistar a sua liberdade. O pequeno comércio foi o caminho das conquistas de muitas mulheres negras.

O afeto foi um componente essencial para mulheres escravas como a Úrsula deixarem a escravidão. Não havia escolhas, essas mulheres não podiam fugir de relacionamentos com os seus respectivos senhores. A forra Úrsula e alguns dos seus contemporâneos tiveram a capacidade de transformar um grande infortúnio numa conquista de liberdade. Destacamos que os afetos podem ser reais ou teatrais. A construção de um bom relacionamento depende do afeto, lealdade e obediência do escravo ao senhor. A Úrsula soube se aproximar e cativar o seu ex-proprietário Gaspar.

A libertação não é uma concessão senhorial ou uma recompensa natural do bom trabalho prestado pelo escravo. A conquista da carta de alforria é um processo cheio de investimento por parte do escravizado que pode durar anos, assim foi à situação de Úrsula. O convencimento é um elemento importante nesse processo. Os escravizados mais próximos tinham mais chances de conseguir a liberdade. Constatamos que Úrsula era próxima do seu ex-dono Gaspar. Devido a essa proximidade ela teve mais chances de analisar o português, de criar laços afetivos e também de convencê-lo de sua liberdade.

Não comprovamos que a Úrsula comprou a sua liberdade, visto que ela se encaixa nos três tipos de alforria: gratuita, onerosa e condicional. Entretanto isso acabou não se mostrando algo tão importante, pois seja qual for o tipo de alforria conquistada por ela, o investimento foi muito alto. Foram anos e etapas até conseguir a liberdade. Sobre os tipos de alforria, há algo a se pensar sobre isso, apesar do nome a gratuita nem sempre foi a melhor opção. Pessoalmente para nós a onerosa se mostrou a melhor alternativa. Uma escravizada com a Úrsula que adquiriu um meio de sustento, capacidade de acumular pecúlio, mobilidade social etc. Pagar pela sua liberdade seria a melhor opção, obviamente faltaria ela convencer o seu proprietário alforriá-la.

Uma situação complicada que muitas mulheres escravizadas passaram e, inclusive a Úrsula, foi o envolvimento íntimo com o senhor, muitas vezes referida pela historiografia como concubinato. De fato, como já afirmamos isso se mostrou um grande infortúnio, no entanto algumas mulheres escravizadas transformaram essa grande adversidade em liberdade. Entretanto, nós não queríamos ficar preso apenas nesse argumento. Para nós pessoas da modernidade isso é violência sexual. Não é muito comentado o impacto e a dores das escravizadas oriunda dessas relações. Por isso acreditamos que algumas mulheres de cor após a liberdade não formaram outra família pela péssima experiência vivida no cativeiro. Essa pesquisa se comprometeu a evidenciar que tais relações foram fruto de violência sexual.

A vida de liberta de Úrsula revelou aspectos da sociedade mineira setecentista e como afetou os forros. Alguns procuravam formas de inserção no universo da elite branca. A manutenção da liberdade e diminuição do estigma do seu passado como escravo passou a ser os objetivos dos ex-escravizados. A Úrsula se preocupou em criar uma rede de apoio com homens brancos, sobretudo homens de poder, certamente foi uma forma de ascensão social e também uma forma de proteção. Em momentos difíceis essas pessoas influentes poderiam ajudar de alguma forma.

A compra de escravizados pelos forros foi um projeto pessoal de ascensão social. A mentalidade da época afirmava que trabalho era coisa de escravo, então os libertos enriquecidos, como a Úrsula, não hesitaram em comprar escravos. Em suma, não é apenas um projeto de progresso social, os forros não querem trabalhar com nada que remeta à sua antiga condição de escravizado. A vadiagem foi à opção dos forros mais pobres, enquanto os mais ricos tentaram viver com a elite branca, na ociosidade.

A alforriada Úrsula também se preocupou com a sua imagem. A construção da imagem é algo extremamente importante na época, por exemplo, imagem de liberto era essencial para a manutenção da liberdade, para a sua proteção quanto mais pessoas o visse como liberto era melhor. A mesma lógica funciona para os forros que alcançaram uma posição de destaque social. Úrsula foi pelo mesmo caminho, ela tentou construir a imagem de uma mulher virtuosa e de poder. A forra empenhou-se em seguir os padrões da elite branca, porém afirmamos que ela nunca foi rica. Imaginamos após as suas conquistas que ela viveu uma de forma tranquila e confortável.

Na escravidão até os homens escravizados, quando eles tinham a chance e como permissão dos senhores, exerciam o controle sobre os corpos das mulheres escravas. Constatamos que as mulheres de cor após a liberdade, principalmente aquelas de posses, conquistaram certa autonomia devido ao trabalho. As forras não seguiam o padrão da família tradicional, algumas libertas chefiavam as suas casas e elas não foram submissas aos seus maridos. O trabalho deu independência às mulheres negras, pois a hierarquia social imposta pela escravidão foi quebrada em alguns casos, ao menos com os homens negros.

Devido à escravização a formação da família negra não se deu de forma natural e saudável, houve arranjos familiares. A família negra expressou-se ser um bom elemento de estudo, pois foi discutido o impacto familiar da escravidão a que o liberto é submetido, afinal eles podiam formar uma família no cativeiro forçada ou não, no entanto, quando eles são libertados isso impactava a vida deles de alguma maneira.

Quem foi à forra Úrsula de Azeredo? Ela foi mais do que uma ex-escravizada, crioula e solteira. Viveu a sua vida com uma mulher de cor do seu tempo, isto é, lutou pela liberdade e posteriormente tentou a inserção no mundo dos brancos. Exerceu os papéis de concubina e comerciante, não por escolha, mas o fez de formar brilhante para alcançar os seus objetivos. Embora o foco da pesquisa tenha sido em grande parte a sua vida de liberta, ainda assim faltou esclarecer alguns pontos, explorar mais questões sobre a sua vida. Por ora nos damos por satisfeito, pois a trajetória de vida da forra Úrsula foi uma ótima reflexão e aprendemos muito. Houve vários motivos de sua escolha com objeto de pesquisa, há uma característica bem específica que a nomeou como a nossa protagonista. Identificamos essa qualidade logo no início do projeto, essa monografia será o comprovante desse fato, a forra Úrsula de Azeredo é uma vencedora.

Fonte

Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana (AHCSM), 2º Ofício. Inventário post-mortem de Úrsula Azeredo. Data: 1730. Códice 88, auto 1901.

Legislação

Almeida, Cândido Mendes de (ed.). *Código Philippino ou Ordenações e Leis do Reino de Portugal recopiladas por mandado d'ElRey D.Philippe I.* (fac-simile da 14ª ed. Rio de Janeiro: Typographia do Instituto Philomathico, 1870). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985, vol. V, p. 1168-1170.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rogéria Cristina. *Mosaico de Forros: Formas de ascensão econômica e social entre os alforriados (Mariana, 1727-1838)*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. (Dissertação de Mestrado).

BRITO, Luciana da C. “Mulheres negras e escravidão: reflexões sobre agência, violências sexuais e narrativas de passividade” In: MACHADO, Maria Helena P. T.; BRITO, Luciana da C.; VIANA, Iamara da S.; GOMES, Flávio dos S. (Orgs.). *Ventres livres? Gênero, maternidade e legislação*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CAMILO, Débora Cristina de Gonzaga. *As donas da rua: comerciantes de ascendência africana em Vila Rica e Mariana (1720-1800)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto, 2009.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHAVES, C. M. das G.; PIRES, M. do C.; Magalhães, S. M. de. (Orgs.). *Casa de vereança de Mariana: 300 anos de história da Câmara Municipal*. Ouro Preto: Editora UFOP, 2012.

DAMASCENO, Karine T. Uma fugitiva em família em busca de liberdade na “Cidade da Feira”. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 64, p. 183–219, 2021.

DESAN Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. Trad. Jefferson Luís Camargo. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FARIA, Sheila de C. *Sinhás pretas, damas mercadoras: As pretas minas na cidade do Rio de Janeiro e de São João Del Rei*. Tese apresentada ao Departamento de História da

Universidade Federal Fluminense. Concurso para professor titular em História do Brasil. Niterói, 2004.

FIGUEIREDO, Luciano R. Três Pretas virando o jogo em Minas Gerais no século XVIII. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

FURTADO, Júnia F. A morte como testemunho da vida. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

FURTADO, Júnia F. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes dos diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FURTADO, Júnia Ferreira. Mulheres escravas e forras na mineração no Brasil, século XVIII. *Revista Latinoamericana de Trabajo y Trabajadores*, 2020. Disponível em: <https://revista.redlatt.org/index.php/revlatt/article/view/1>. Acesso em: 21 de junho de 2023.

GRAHAM, Sandra L. *Caetana diz não: história de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716 – 1789*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

PAIVA, Eduardo França. Mulheres de diversas “qualidades” e seus testamentos na colonial, escravista e mestiça capitania das Minas Gerais. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

REIS, Adriana Dantas. Gênero: uma categoria útil para a história da escravidão no Brasil. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, Aracaju, V.6, N.2, p. 11 – 28, Out. 2017.

REIS, Adriana Dantas. Mulheres "afro-ascendentes" na Bahia: gênero, cor e mobilidade social (1780-1830). In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

REIS, Isabel Cristina F. *A família negra no tempo da escravidão: Bahia, 1850-1888*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2007.

REIS, Liana Maria. *Crimes e escravos na capitania de todos os negros (Minas Gerais, 1720-1800)*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil, Sudeste, século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

VIANA, Kelly Cristina Benjamim. *Em nome da proteção real: mulheres forras, honra e justiça na capitania de Minas Gerais (1750-1822)*. Tese (Doutorado em História) UNB, 2014.